

Universidades Lusíada

Mesquita, Mariana Silva Guedes da Costa

**Estímulos na arquitetura : uma reabilitação
patrimonial para uma reabilitação cognitiva :
Casa do Conde de S. Salvador**

<http://hdl.handle.net/11067/8112>

Metadados

Data de Publicação

2024

Resumo

O ser humano, no seu dia-a-dia, percorre, experiencia e permanece em diversos espaços sem noção da informação ou até mesmo manipulação a que está a ser sujeito por parte da Arquitetura, tornando-se interessante perceber como esta disciplina poderá influenciar o comportamento e bem-estar de pessoas com a doença de Alzheimer uma vez que estas se encontram mais desfavoráveis em relação aos seus sentidos, assim como pela problemática a que se assiste hoje em dia em relação ao aumento da percentagem ...

The human being, in their day-to-day life, moves through experiences and remains in various spaces without being aware of the information or even manipulation they are subject to by Architecture. This makes it interesting to understand how this discipline may influence the behavior and well-being of people with Alzheimer's disease, as they are more vulnerable regarding their senses, as well as due to the current issue of the increasing percentage of the population confronting this cognitive diso...

Palavras Chave

Arquitetura, Património arquitectónico - Reabilitação arquitectónica, Edifícios para serviços de saúde pública - Lares, Caso de estudo - Reabilitação arquitectónica - Casa do Conde de S. Salvador - Matosinhos, Matosinhos

Tipo

masterThesis

Revisão de Pares

Não

Coleções

[ULP-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2026-10-30T01:05:02Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DO PORTO

Estímulos na Arquitetura

Uma Reabilitação Patrimonial para uma Reabilitação

Cognitiva: Casa do Conde de S. Salvador

Mariana Mesquita

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre

Porto – 2024



UNIVERSIDADE LUSÍADA DO PORTO

Estímulos na Arquitetura

Uma Reabilitação Patrimonial para uma Reabilitação

Cognitiva: Casa do Conde de S. Salvador

Mariana Mesquita

Dissertação para Obtenção do Grau de Mestre

Orientador: Professor Doutor Miguel Malheiro

Porto – 2024

AVISO LEGAL

O conteúdo desta tese reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta tese pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela. Ao entregar esta tese, o/a autor(a) declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção referências. O autor, declara, ainda, que não divulga na presente tese quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Declaração sob compromisso de honra

(Artigo 6.º, n.º 2 das Normas e orientações para a submissão de trabalhos académicos na plataforma Urkund para deteção de similaridade e plágio)

Eu, abaixo assinado, tenho consciência de que a prática de plágio consiste numa forma de violação da integridade académica, constituindo um crime punível por lei com relevância nos regimes disciplinar, civil e criminal.

Nesse sentido, declaro por minha honra que a dissertação/tese apresentada é original e que todas as fontes, incluindo as da minha autoria, estão devidamente identificadas e referenciadas.

Porto, 25 de novembro de 2024

O (A) Estudante

Mariana Mesquita

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Miguel Malheiro pelo apoio, disponibilidade e aprendizagem.

Aos meus pais por toda a ajuda e paciência.

À Inês pelos momentos e amizade.

À Bea por todo o companheirismo.

À Patrícia pela cumplicidade e compreensão.

Ao Pedro por toda a motivação, carinho e disposição.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
1. Enquadramento do Tema	1
2. Motivação	2
3. Objetivos.....	2
4. Metodologia.....	3
5. Estrutura.....	4
CAPÍTULO 1 – A ARQUITETURA E OS SEUS ESTÍMULOS.....	5
1.1. Neuroarquitetura.....	7
1.2. Estímulos Existentes na Arquitetura.....	10
1.2.1. Cor	11
1.2.2. Luz Natural	15
1.2.3. Materialidade	21
1.2.4. Natureza.....	22
CAPÍTULO 2 – INTERVENÇÃO COGNITIVA	25
2.1. Compreensão da Doença de Alzheimer	29
2.2. A Independência do Indivíduo com Alzheimer	31
2.2.1. Criação de uma Atmosfera Familiar	32
2.2.2. Programa Funcional.....	33
2.2.3. Orientação.....	34
2.2.4. Segurança.....	35
CAPÍTULO 3 – CASOS DE REFERÊNCIA	37
3.1. Dementia Village ‘De Hogeweyk’ / MBVDA	41
3.2. Alzheimer’s Respite Centre / Níall McLaughlin Architects	45
3.3. Alzheimer’s Village / NORD Architects.....	49
3.4. Carpe Diem Dementia Village / Nordic Office of Architecture	53
CAPÍTULO 4 - UMA REABILITAÇÃO PATRIMONIAL PARA UMA REABILITAÇÃO COGNITIVA	57
4.1. Enquadramento Geográfico e Histórico de Matosinhos	61

4.2. Análise do Lugar	65
4.3. A Casa do Conde de S. Salvador	69
4.3.1. Valores e Programa	71
4.3.2. Diagnóstico do Estado de Conservação.....	73
4.4. Intervenção no Património.....	75
4.4.1. Metodologias de Intervenção: Teoria de Valores.....	75
4.4.2. Reabilitação	76
4.4.2.1. Materialidade.....	77
4.5. Residência Sénior Especializada em Alzheimer	81
4.5.1. Metodologia de Intervenção	81
4.5.2. Estratégia e Ações.....	82
4.6. Uma Reabilitação Patrimonial para uma Reabilitação Cognitiva	85
CONCLUSÃO	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	109

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Jonas Salk e Louis Kahn no Instituto Salk em setembro de 1966 [Phillip A. Harrington]. 8 (Fonte: https://placesjournal.org/article/tending-building-an-ethic-of-repair-in-architecture/?cn-reloaded=1#0)	8
Figura 2 – Alteração da percepção do espaço consoante a aplicação da cor [adaptado de Archdaily] 12 (Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/935034/como-as-cores-alteram-a-percepcao-dos-espacos-interiores)	12
Figura 3– Variação da luz natural no interior do espaço consoante as aberturas [Siobhan Rockcastle, Marilyne Andersen] 16 (Fonte: https://www.archdaily.com/787734/10-typologies-of-daylighting-from-expressive-dynamic-patterns-to-diffuse-light)	16
Figura 4 – Corredor e piscina da Casa Gilardi e a sua magia de cor e luz [Eduardo Luque] 18 (Fonte: https://www.archdaily.com/1000290/architecture-classics-gilardi-house-luis-barragan)	18
Figura 5 – Parede interior da Koshino House de Tadao Ando [Mitsuo Matsuoka] 20 (Fonte: https://arquitecturaviva.com/articles/geometrias-luminosas)	20
Figura 6 – Imagem exterior da Unidade Habitacional de Marselha de Le Corbusier [Fondation Le Corbusier] 20 (Fonte: https://passerelles.essentiels.bnf.fr/fr/chronologie/construction/5a93b5dc-b25b-4435-96a7-383212727050-cite-radieuse/article/471c3dd1-bbab-41dc-ad1f-3a6da99c1a65-beton-brut-brutalisme)	20
Figura 7 – Ilustração representativa da doença de Alzheimer [Cemile Bingol] 28 (Fonte: https://www.npr.org/sections/health-shots/2022/12/08/1141396375/lecanemab-alzheimer-drug-researchers-hope)	28
Figura 8 – Fotografia de um residente a fazer compras / De Hogeweyk Dementia Village [DVA]. 30 (Fonte: https://www.dementiavillage.com/projects/dva-de-hogeweyk/)	30
Figura 9 – Espaço exterior com aparência de dia normal numa cidade / De Hogeweyk [Be The Hogeweyk Care Concept] 40 (Fonte: https://astheysaid.com/innovators/2018/12/18/de-hogeweyk)	40
Figura 10 – Residente a fazer compras no supermercado / De Hogeweyk [Be The Hogeweyk Care Concept] 40 (Fonte: https://astheysaid.com/innovators/2018/12/18/de-hogeweyk)	40
Figura 11 – Planta de espaços exteriores e espaços verdes / De Hogeweyk [DVA] 42 (Fonte: https://www.dementiavillage.com/projects/dva-de-hogeweyk/)	42
Figura 12 – A “grande praça” com o xadrez a servir de elemento refereciador / De Hogeweyk [Anita Edridge] 42 (Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/1004346/neuroarquitetura-e-as-novas-formas-de-morar-historico-e-ascensao-das-dementia-villages)	42

Figura 13 – Muros pré-existentes em granito / Alzheimer’s Respite Centre [Níall McLaughlin Architects].....	44
(Fonte: https://www.niallmclaughlin.com/projects/alzheimer-Respite-Centre/)	
Figura 14 – Planta com linhas relativas ao estudo de percursos / Alzheimer’s Respite Centre [Níall McLaughlin Architects]	44
(Fonte: https://www.niallmclaughlin.com/projects/alzheimer-Respite-Centre/)	
Figura 15 – Parede colorida / Alzheimer’s Respite Centre [Níall McLaughlin Architects]	46
(Fonte: https://www.niallmclaughlin.com/projects/alzheimer-Respite-Centre/)	
Figura 16 – Portas coloridas e existência de corrimãos / Alzheimer’s Respite Centre [Níall McLaughlin Architects]	46
(Fonte: https://www.niallmclaughlin.com/projects/alzheimer-Respite-Centre/)	
Figura 17 – Bastide, local central e de receção / Alzheimer’s Village [11h45]	48
(Fonte: https://www.archdaily.com/973948/alzheimers-villa-nord-architects)	
Figura 18 – Restaurante/café com bastide atrás / Alzheimer’s Village [11h45]	48
(Fonte: https://www.archdaily.com/973948/alzheimers-villa-nord-architects)	
Figura 19 – Diagrama representativo dos nichos / Alzheimer’s Village [autor desconhecido]	50
(Fonte: https://www.archdaily.com/973948/alzheimers-villa-nord-architects)	
Figura 20 – A grande presença da natureza / Alzheimer’s Village [11h45]	50
(Fonte: https://www.archdaily.com/973948/alzheimers-villa-nord-architects)	
Figura 21 – Caráter habitacional e quotidiano / Carpe Diem Dementia Village [Benjamim A. Ward]	52
(Fonte: https://nordicarch.com/project/carpe-diem-dementia-village)	
Figura 22 – Acabamentos das fachadas e marcadores orientadores / Carpe Diem Dementia Village [Inger Marie Grini]	52
(Fonte: https://www.archdaily.com/955466/carpe-diem-dementia-village-nordic-office-of-architecture)	
Figura 23 – Sala de jantar e cozinha de uma unidade / Carpe Diem Dementia Village [Inger Marie Grini].....	54
(Fonte: https://www.archdaily.com/955466/carpe-diem-dementia-village-nordic-office-of-architecture)	
Figura 24 – Corredor com marcadores dos espaços / Carpe Diem Dementia Village [Inger Marie Grini].....	54
(Fonte: https://www.archdaily.com/955466/carpe-diem-dementia-village-nordic-office-of-architecture)	
Figura 25 – Ponte Romana vista a partir de Matosinhos [autor desconhecido].....	60
(Fonte: https://www.cm-matosinhos.pt/cm-matosinhos2020/uploads/document/file/7267/programa_estrategico_para_as_areas_de_reabilitacao_urbana_de_matosinhos_e_de_leca_da_palmeira___relatorio_final.pdf)	
Figura 26 – Cartografia de 1942 / Matosinhos [adaptada da Câmara Municipal de Matosinhos] ...	62

(Fonte: https://sigmat.cm-matosinhos.pt/Html5Viewer/Index.html?configBase=https://sigmat.cm-matosinhos.pt/MuniSIG/REST/sites/Cartografia__Pblico/viewers/Cartografia_e_Cadastro/virtualdirectory/Resources/Config/Default)

Figura 27 – Cartografia de 1965 / Matosinhos [adaptada da Câmara Municipal de Matosinhos] ... 62

(Fonte: https://sigmat.cm-matosinhos.pt/Html5Viewer/Index.html?configBase=https://sigmat.cm-matosinhos.pt/MuniSIG/REST/sites/Cartografia__Pblico/viewers/Cartografia_e_Cadastro/virtualdirectory/Resources/Config/Default)

Figura 28 – Fotografias de parte da envolvente [Miguel Malheiro]..... 64

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 29 – Plantas de análise da envolvente orientadas a norte [adaptado do trabalho de grupo].. 66

(Fonte: Própria autoria)

Figura 30 – Fotografia aérea da cobertura [Miguel Malheiro] 68

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 31 – Fotografia da fachada principal [Miguel Malheiro] 68

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 32 – Friso ornamental e estrutura em ferro forjado [Miguel Malheiro] 70

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 33 – Teto ornamentado com motivos vegetais e florais [Miguel Malheiro] 70

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 34 – Telhas partidas e deslocadas [Miguel Malheiro] 72

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 35 – Colapso do teto, acumulação de lixo, portas danificadas e graffiti [Miguel Malheiro] 72

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 36 – Livro La restauración objetiva [Moreno-Navarro]..... 74

(Fonte: MORENO-NAVARRO, A. G. (1999). La restauración objetiva (Método SCCM de restauración monumental. SPAL.)

Figura 37 – Livro Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais [Helena Barranha] 78

(Fonte: <https://istpress.tecnico.ulisboa.pt/produto/patrimonio-cultural-conceitos-e-criterios-fundamentais-e-book/>)

Figura 38 – Alguns esboços elaborados ao longo do trabalho 80

(Fonte: Própria autoria)

Figura 39 – Planta de Intervenção orientada a norte com marcação de construção (vermelho) e demolição (amarelo) 84

(Fonte: Própria autoria)

Figura 40 – Cortes a mostrar a relação do novo volume com a pré-existência / Lar Casa de Magalhães [Carvalho Araújo] 86

(Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/01-58658/lar-casa-de-magalhaes-atelier-carvalho-araujo>)

Figura 41 – Implantação do conjunto e traçado da via / Casas Pátio [Eduardo Souto de Moura] ... 86

(Fonte: <https://habitatgecollectiu.wordpress.com/2016/01/08/casa-patio-souto-de-moura/>)

Figura 42 – Esquemas representativos da implantação do novo volume em termos verticais e horizontais..... 88

(Fonte: Própria autoria)

Figura 43 – Plantas do piso 0 e piso 1 s/escala (ver melhor em anexo) 90

(Fonte: Própria autoria)

Figura 44 – Plantas do piso 2 e piso 3 s/escala (ver melhor em anexo) 92

(Fonte: Própria autoria)

Figura 45 – Muros de limite em granito / Casas Pátio [autor desconhecido] 94

(Fonte: <https://ofhouses.com/post/713463310948925440/1036-eduardo-souto-de-moura-patio-house>)

Figura 46 – Caixilharias em madeira / Casas Pátio [autor desconhecido]..... 94

(Fonte: <https://ofhouses.com/post/713463310948925440/1036-eduardo-souto-de-moura-patio-house>)

Figura 47 – Marcação do percurso (vermelho) e das referências visuais ao longo deste (azul) nas plantas de piso..... 96

(Fonte: Própria autoria)

Figura 48 – Portas dos quartos coloridas para ajudar na orientação dos residentes 98

(Fonte: Própria autoria)

Figura 49 – Porta no mesmo material e cor que a parede adjacente tornando-a impercetível aos residentes 100

(Fonte: Própria autoria)

Figura 50 – Ambiente denunciador da função do espaço pela sua materialidade e elementos arquitetónicos [Miguel Malheiro] 102

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

Figura 51 – Paredes e portas coloridas a referenciar o espaço [Miguel Malheiro]..... 104

(Fonte: Disponibilizada pelo autor)

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1– Tabela elaborada com base no livro Psicologia da Arquitetura (Muga, 2005: 46)	15
(Fonte: MUGA, H. (2005). Psicologia da Arquitetura. Coleção Ensaios.)	
Tabela 2 – Tabela de estratégias e ações elaborada	83
(Fonte: Própria autoria)	

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Planta de Localização	119
Anexo II – Perfis.....	121
Anexo III – Plantas Pisos 0 e 1	123
Anexo IV – Plantas Pisos 2 e 3	125
Anexo V – Render Geral.....	127

RESUMO

O ser humano, no seu dia-a-dia, percorre, experiencia e permanece em diversos espaços sem noção da informação ou até mesmo manipulação a que está a ser sujeito por parte da Arquitetura, tornando-se interessante perceber como esta disciplina poderá influenciar o comportamento e bem-estar de pessoas com a doença de Alzheimer uma vez que estas se encontram mais desfavoráveis em relação aos seus sentidos, assim como pela problemática a que se assiste hoje em dia em relação ao aumento da percentagem de população que enfrenta esta perturbação cognitiva.

Desta forma, através do estudo dos estímulos presentes na Arquitetura, ou seja, através da investigação do impacto de características como a cor, luz natural, materialidade e natureza na função psicológica e fisiológica do sujeito, procura-se aprofundar de que maneira este campo de estudo pode promover a máxima independência do indivíduo com Alzheimer, com o intuito de minimizar os efeitos deste tipo de demência. Este tema surge ainda em conformidade com a realização em simultâneo de uma proposta de projeto prático consistindo esta na reabilitação da Casa do Conde de São Salvador, um edifício de características peculiares que juntamente com a edificação de um novo é pensado para albergar uma Residência Sénior para Alzheimer e assim servir de caso de estudo para aplicação dos conceitos estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Estímulos, Alzheimer, Reabilitação e Independência

ABSTRACT

The human being, in their day-to-day life, moves through experiences and remains in various spaces without being aware of the information or even manipulation they are subject to by Architecture. This makes it interesting to understand how this discipline may influence the behavior and well-being of people with Alzheimer's disease, as they are more vulnerable regarding their senses, as well as due to the current issue of the increasing percentage of the population confronting this cognitive disorder.

Thus, through the study of stimuli present in Architecture, specifically investigating the impact of characteristics such as color, natural light, materiality and nature on the psychological and physiological function of the individual, this research aims to deepen the understanding of how this study field can promote the maximum independence of individuals with Alzheimer's disease, in order to minimize the effects of this type of dementia. This theme is also in alignment with the simultaneous proposal of a practical project, consisting of the rehabilitation of Casa do Conde de São Salvador, a building with unique characteristics, which along with the construction of a new one is designed to house a Senior Residence for Alzheimer's patients, thus serving as a case study for the application of the studied concepts.

KEYWORDS: Stimuli, Alzheimer, Rehabilitation and Independence

LISTA DE ABREVIATURAS

ANFA – Academy of Neuroscience for Architecture

ACC – Acoat Color Codification

GEE – Gabinete de Estratégia e Estudos

PDM – Plano Diretor Municipal

STCP – Sociedade Transportes Colectivos do Porto

CPA – Colégio Património Arquitectónico

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

INTRODUÇÃO

1. Enquadramento do Tema

O ser humano, no seu dia-a-dia, percorre, experiencia e permanece em diversos espaços sem noção da informação ou até mesmo manipulação a que está a ser sujeito por parte da Arquitetura. Por sua vez, esta, como matéria interdisciplinar que aborda diversas outras áreas do conhecimento, tem sido, nos tempos de hoje, cada vez mais associada à Neurociência, a qual, aplicada à Arquitetura, dá origem ao termo Neuroarquitetura, o estudo do impacto do ambiente físico no comportamento humano. A necessidade de investigação deste conceito, juntamente com a problemática da atualidade em relação ao aumento da percentagem de população que sofre da Doença de Alzheimer, vem originar a urgência de procurar perceber a influência que o espaço pode ter no quotidiano do doente e daqueles que o auxiliam.

Através do estudo dos estímulos presentes na Arquitetura, ou seja, através da investigação do impacto de características como a cor, luz natural, materialidade e natureza, na função psicológica e fisiológica do sujeito, procura-se aprofundar, então, de que maneira este campo de estudo pode servir de auxílio na conquista de um ambiente mais eficiente e adequado ao público-alvo que irá usufruir do espaço projetado. Surge, portanto, em conformidade com o desafio apresentado na Unidade Curricular de Projeto III de concretizar a reabilitação da Casa do Conde de São Salvador em Matosinhos e realizar a sua ampliação com vista a albergar uma Residência Sênior, sendo de escolha própria a realização de uma especializada para pessoas que sofrem de Alzheimer, a necessidade de aprofundar a questão dos estímulos e, desta forma, investigar em específico a doença, assim como a sua implicação na vida do ser humano, procurando posteriormente responder com a disciplina de arquitetura às barreiras encontradas no dia-a-dia e, conseqüentemente, permitir o alcance de uma vida mais autónoma e duradoura.

A Casa do Conde de São Salvador, edifício proposto a classificação como Monumento de Interesse Municipal, é então pensado, juntamente com a edificação de um outro novo no seu logradouro, para albergar uma Residência Sênior especializada na doença de Alzheimer, sendo, portanto, um dos objetos de estudo, não só a aplicação dos conceitos estudados numa construção de raiz, como a procura destes numa casa pré-existente de arquitetura neoclássica com características decorativas das Casas de Brasileiros.

2. Motivação

Face ao atual aumento da esperança média de vida e consequente envelhecimento da população, o Alzheimer, tipo de demência mais comum, tem sido um assunto bastante discutido em diversas áreas científicas. Não sendo exceção, a Arquitetura detém também um papel bastante importante neste tema contendo em si o poder de inclusão e aumento da qualidade de vida desta parcela da população, podendo também contribuir para mudar a visão ainda atualmente pejorativa por parte da sociedade em relação às Residências Seniores assim como, mudar a estrutura ainda bastante institucional destas.

É igualmente fundamental, tendo em conta o consequente aumento da percentagem de população que sofre de Alzheimer, mudar a abordagem destes equipamentos na medida em que maior parte das residências não são especializadas, o que resulta na exclusão desta população e/ou dificulta as suas condições ou até mesmo as dos restantes pacientes e, por sua vez, o trabalho dos auxiliares.

Por outro lado, atualmente os grandes centros urbanos de Portugal padecem de uma problemática em relação à existência de habitação, sobretudo economicamente acessível, e à disponibilidade de terrenos para construção, resultando este num dos vários incentivos ao processo de reabilitação dos edifícios existentes. Não obstante, o Património tem sido também alvo deste sistema, dando-se cada vez mais importância à sua identidade. Ou seja, a Reabilitação da Casa do Conde não só é importante pelo seu interesse histórico, arquitetónico, artístico e social como também por consistir num ato que vai permitir alojar uma classe etária da nossa população, ainda bastante excluída, no centro urbano de Matosinhos.

É então importante compreender o impacto que os estímulos têm no ser humano, especialmente num doente de Alzheimer, aprender a como criar o ambiente necessário para a existência destes na construção de raiz e, sobretudo, perceber como podemos “descobri-los” na construção pré-existente através da reabilitação do património.

3. Objetivos

A elaboração deste projeto tem como objetivo primordial o conhecimento do impacto da arquitetura no ser humano e a utilidade desta na contribuição para a melhoria da qualidade de vida de uma pessoa com Alzheimer. Pretende-se, através do estudo das características arquitetónicas e conceção do espaço, promover a criação de estímulos que permitam auxiliar

o indivíduo a ultrapassar as barreiras impostas pela doença, por exemplo, em termos de memória, orientação, deslocação, socialização, e bem-estar com o intuito de minimizar o impacto da doença neste, e essencialmente incentivar à sua autonomia e independência por mais tempo, tendo portanto em conta, não só os utentes da futura residência, como também os auxiliares/profissionais que aí trabalham, procurando beneficiar ambos.

Nesta linha de pensamento acresce-se ainda o desafio de perceber como se pode encontrar, através da reabilitação, tais características estimulantes e moldadoras do ambiente na Casa do Conde de São Salvador, um edifício dotado de características decorativas particulares próprias da sua época e da sua história, assim como o de projetar um novo espaço que perpetue estes e novos estímulos permitindo responder eficazmente aos conceitos abordados.

4. Metodologia

Estando perante uma dissertação teórico-prática, a metodologia aqui aplicada baseia-se inicialmente numa investigação teórica sendo esta posteriormente e/ou simultaneamente aplicada na prática através da proposta de projeto a desenvolver na unidade curricular de Projeto III. Ou seja, após o estudo dos estímulos proporcionados pela Arquitetura e a investigação acerca da doença de Alzheimer e a sua implicação no indivíduo, avalia-se a maneira como a nossa disciplina poderá servir de método apaziguador e/ou solucionável para os entraves que este tipo de demência coloca ao indivíduo no seu dia-a-dia permitindo a este experienciar o resto da sua vida da maneira o mais normal possível. Neste contexto, e já com as bases teóricas necessárias, verifica-se a aplicação dos conceitos estudados em diversas obras como, por exemplo, a Alzheimer's Village dos Nord Architects, projeto de uma equipa que tem tido, nos últimos anos, foco nos possíveis efeitos terapêuticos da arquitetura em pessoas com demência ou outras doenças. São também tidos em conta os projetos Dementia Village 'De Hogeweyk' dos arquitetos MBVDA; Alzheimer's Respite Centre dos Níall McLaughlin Architects; e, por fim, o Carpe Diem Dementia Village do Nordic Office of Architecture. Posteriormente, e tendo em conta a investigação efetuada, procede-se por fim à elaboração da proposta prática, a Reabilitação da Casa do Conde de São Salvador em Matosinhos assim como a construção de um novo edifício para juntos albergarem uma Residência Sénior especializada em Alzheimer.

5. Estrutura

A elaboração deste estudo realiza-se em quatro capítulos sendo inicialmente apresentada uma investigação de teorias e conceitos, a qual se divide nos dois primeiros. De seguida, são utilizadas análises a casos de referência para perceber e analisar de que maneira foram estes conceitos estudados e aplicados na realidade. Por fim, e após o estudo do nosso caso de intervenção, assim como da intervenção no património, é apresentado o projeto realizado na Unidade Curricular de Projeto III, ou seja, é usado o conhecimento adquirido na parte teórica para se proceder à elaboração da parte prática.

Desta forma, no primeiro capítulo verificamos que a disciplina de Arquitetura compromete a vivência de um espaço e o bem-estar do indivíduo sendo aqui analisados elementos arquitetónicos como a cor, a luz natural, a materialidade e a natureza. Já no capítulo seguinte, continuamos na mesma vertente dos estímulos criados pelo ambiente construído, no entanto verificamos agora como podemos usufruir destes para melhorar a qualidade de vida de uma pessoa que sofre da doença de Alzheimer. Para isso é então realizada uma breve pesquisa acerca desta demência de maneira a perceber quais as maiores barreiras com que estes sujeitos se deparam no seu dia-a-dia. Posto isto, são apresentados e analisados aspetos que, quando alvos de um pensamento mais profundo na hora de projetar, contribuem para estimular a autonomia e independência do doente, sendo estes a criação de um ambiente familiar, o programa funcional, a orientação e a segurança. Após este estudo inicial são então escolhidos quatro casos de referência, onde é verificada a aplicação dos conceitos estudados em casos reais e em funcionamento, sendo por fim, apresentada, no último capítulo, a proposta de uma Residência Sénior para Alzheimer, mas não sem antes ser feito o estudo e análise do respetivo lugar e uma investigação necessária sobre a reabilitação, uma vez que estamos a tratar um caso de intervenção no Património.

CAPÍTULO 1 – A ARQUITETURA E OS SEUS ESTÍMULOS

1.1. Neuroarquitetura

“While the brain controls our behavior and genes control the blueprint for the design and structure of the brain, the environment can modulate the function of genes and, ultimately, the structure of our brain, and therefore they change our behavior. In planning the environments in which we live, architectural design changes our brain and behavior” (Gage, 2004 *apud* Pallasmaa et al., 2013: 4).

A existência de uma relação entre o ser humano e a arquitetura é de certo modo clara uma vez que somos nós os sujeitos que damos vida a algo que começa por ser apenas uma folha de papel ou um pedaço de cartão. Por outro lado, a ideia da “modelação” do comportamento humano ser influenciado pelo ambiente construído pode já não ser um pensamento tão imediato assim. A construção do ambiente arquitetónico cabe não só ao arquiteto e restantes profissionais através do projetar e edificar como também aos restantes indivíduos através, por exemplo, da apropriação, sendo importante, especialmente para quem pratica o exercício da profissão, não esquecer que, como Winston Churchill referiu *“primeiro formamos os nossos edifícios, depois eles formam-nos a nós”* (Muga, 2005: 23).

Considerando então a arquitetura como uma disciplina em parte dominadora do sujeito, torna-se fundamental, derivado da complexidade do assunto e da responsabilidade adquirida, perceber de que maneira o ambiente físico construído pode ser um despertador de determinados comportamentos, atos e sensações e, eventualmente, como poderemos usufruir das informações obtidas para criar um ambiente mais apropriado a cada situação. Para isso, torna-se necessário recorrer ao conceito de neuroarquitetura, o qual consiste, como a própria palavra indica, na aplicação da neurociência à disciplina de arquitetura e tem como principal objetivo, segundo Azzazy et al. (2021), o estudo do impacto do ambiente construído no sistema neurológico do ser humano. Um dos focos desta disciplina passa pelo investigar as experiências dos sujeitos em diversos contextos tendo já sido abordados temas como, por exemplo, o papel do design de um escritório na redução do stress e respetivo aumento da produtividade, assim como, os quartos hospitalares como espaços que melhoram a recuperação dos pacientes (Sheng et al., 2022: 3). Ou seja, este campo permite investigar e recolher bases necessárias para um projetar de forma mais eficiente tendo em vista a saúde e felicidade do sujeito.



Figura 1- Jonas Salk e Louis Kahn no Instituto Salk em setembro de 1966 [Phillip A. Harrington]

Embora este estudo seja ainda relativamente recente, a relação subjacente entre as duas vertentes remonta ao século XX com a história de Jonas Salk, criador da primeira vacina contra a poliomielite. Após anos na procura da cura desta doença, fechado no seu laboratório, Salk decide refugiar-se na Basílica de São Francisco de Assis em Itália, sendo este ambiente em contacto com a natureza que lhe vai abrir a mente ao encontro da solução que procurava. Esta experiência levou o virologista a refletir sobre a possível influência de um lugar no sistema neurológico dos indivíduos e, por conseguinte, a, com a ajuda do arquiteto Louis Kahn (*figura 1*), dar vida ao Instituto Salk, um centro destinado tanto à investigação científica assim como à estimulação da investigação e da criatividade, o qual, localizado na Califórnia, é considerado hoje o primeiro caso de referência da neuroarquitetura. Na mesma linha de pensamento, mas procurando agora factos do ponto de vista científico, segundo Samaržija (2018), estando nós perante um órgão altamente eficiente como é o nosso cérebro, este irá sofrer alterações de maneira a tornar o nosso comportamento o mais bem ajustado e automático possível a cada situação, dito por outras palavras, as mudanças espaciais alteram as nossas estruturas neurais as quais, por sua vez, formam a base de quem somos e de como agimos, ou seja, é comprovado cientificamente que o espaço necessariamente modifica o comportamento humano. A autora chama ainda a atenção para a necessidade de um projetar responsável cabendo aos arquitetos manterem-se informados acerca das soluções mais adequadas para espaços específicos. Desta forma, a ideia que ainda hoje se assiste um pouco de que a disciplina de arquitetura é um tema meramente estético morre aqui para a noção de que esta é determinante para questões psicológicas e sociais (Samaržija, 2018: 145).

Posto isto, embora a experiência humana na arquitetura e ambiente construído tenha sido estudada desde a década de 1960, só em 2003 é fundada a Academia da Neurociência para a Arquitetura (ANFA), a organização académica onde é pela primeira vez empregue este conceito (Sólis & Herrera, 2020: 110-111). O surgir desta disciplina veio então tornar possível investigações com mais precisão sendo usada para isso a imagem por ressonância magnética funcional, a qual veio permitir isolar regiões exatas do cérebro ativadas por estímulos arquitetónicos específicos. Recentemente foi também introduzida a realidade virtual possibilitando, e facilitando, a exposição dos testados a diversos cenários (Samaržija, 2018: 148). Ou seja, podemos concluir que a neuroarquitetura estuda situações arquitetónicas específicas que por sua vez causam comportamentos humanos característicos com o intuito de investigar como e quais elementos arquitetónicos devem ser usados em determinados contextos de maneira a criar ambientes mais apropriados.

1.2. Estímulos Existentes na Arquitetura

“O ambiente é um mar de energia que nos invade através das várias modalidades sensoriais; de toda a imensidão de estímulos, extraímos continuamente informação através do olhar, cheirar, ouvir, caminhar, manipular” (Muga, 2005: 23).

Conseguimos averiguar anteriormente que a disciplina de arquitetura detém poder perante o comportamento humano, no entanto, continua a ser uma incógnita como se efetua realmente este procedimento sendo para isso necessário entender primeiro em que é que consiste o conceito de estímulo. O termo estímulo, segundo o dicionário da Porto Editora, é definido como um *“qualquer agente que provoca uma reação num órgão ou num tecido”*. Por sua vez, o termo estimular é determinado como o ato de *“provocar um reflexo natural; encorajar; incentivar; promover; impulsionar”* (Porto Editora, 2014: 344). Ou seja, aplicando este conceito à disciplina de arquitetura, surge a necessidade de investigar de que forma podemos usar a nosso favor elementos arquitetónicos com a finalidade de que estes sejam espelho de um ambiente melhor, propício à função pretendida e refletores de um efeito estimulador determinado.

Ainda no seguimento da noção de estímulo, Berlyne identifica quatro propriedades do estímulo ambiental que acredita serem influenciadoras em termos de preferência:

“complexidade, novidade, surpresa e incongruência – sendo a primeira determinante. Assim, em geral, as preferências estéticas das pessoas estão relacionadas com a complexidade do estímulo: os estímulos com um nível intermédio de complexidade são julgados mais agradáveis e atractivos do que estímulos muito ou pouco complexos” (Holahan, 1982 *apud* Muga, 2005: 105).

À ideia de Berlyne podemos também acrescentar que, segundo Wohlwill (1974), a falta de estímulo pode levar ao tédio e em último caso, à privação sensorial enquanto o excesso deste compromete a concentração e dificulta, por sua vez, o foco da atenção (Evans & McCoy, 1998: 85-86).

Desta forma, torna-se imprescindível, não só como foi dito previamente, estudar o impacto de certos elementos arquitetónicos, como também perceber como estes devem ser aplicados tendo em conta qual a sensação que pretendemos promover ao utilizador do espaço em questão. Para isso, foram seleccionadas para análise as vertentes da cor, luz natural, materialidade e natureza.

1.2.1. Cor

Para quem estuda História da Arte é mais que sabido que a cor representa um elemento que foi bastante explorado e aplicado ao longo das diversas épocas, no entanto, hoje em dia, a cor é um elemento arquitetónico muitas vezes pouco explorado e/ou até mesmo evitado pelos arquitetos, o que segundo Caivano (2021), na sua *review* do livro *Color for Architects* de Juan Serra, esta problemática condiciona e predestina a arquitetura a perder certas qualidades e, por sua vez, a ser mais pobre, assim, este salienta a importância de saber usá-las e incorporá-las como uma ferramenta de projeto.

Em primeiro lugar, é necessário ter em conta a vertente funcional do espaço em questão tendo em conta que a qualidade do tempo passado nesse local vai ser realçada pela escolha da cor uma vez que esta, segundo Janson & Tigges (2014), fundamentalmente e em particular quando apresentada na sua forma saturada, contém um impacto dinâmico e gestual decisivo para a arquitetura. Os autores, para reforçar esta ideia, mencionam o caso do hall amarelo da casa de Goethe em Weimar, cuja cor com os seus “*efeitos estimulantes, vivos e inspiradores*” foi destinada a um espaço com o propósito de promover o convívio. Estes revelam ainda a capacidade deste elemento arquitetónico em atrair e elevar, ou vice-versa, e transportar/conduzir através de efeitos de alargamento/estreitamento e também efeitos de profundidade, transformações do ambiente que são perceptíveis na *figura 2* adaptada e apresentada de seguida. Para além disso, a cor pode ainda ter efeitos negativos notáveis no indivíduo como “*provocar um sentimento de mal-estar, tonturas e, em casos extremos, provocar mesmo o vômito*” (Muga, 2005: 200).

Para além do efeito estimulador e valores emocionais imediatos derivados da escolha da cor, esta muitas vezes exerce também influência através da sinestesia podendo gerar, por exemplo, sensações térmicas diferentes derivadas da associação de determinada cor a outros elementos que a contenham. Dentro desta vertente podemos também acrescentar o exemplo das habitações alentejanas, as quais, através da cal branca e das suas propriedades reflexivas, conseguem manter um ambiente mais fresco no seu interior (Martins, 2012: 109).

No entanto, é necessário compreender que a mesma cor pode ter um efeito diferente consoante a sua tonalidade, grau de claridade e saturação (um teto em azul-celeste dá uma sensação mais expansiva enquanto um azul-escuro torna o espaço mais pesado e fechado em si), dependendo também “*da natureza e da textura dos seus elementos constitutivos*” (Muga, 2005: 43). O efeito provocado pela cor vai ser condicionado pelo brilho, rugosidade e tamanho da superfície a que esta for aplicada, pelo que a escolha do material é decisiva uma

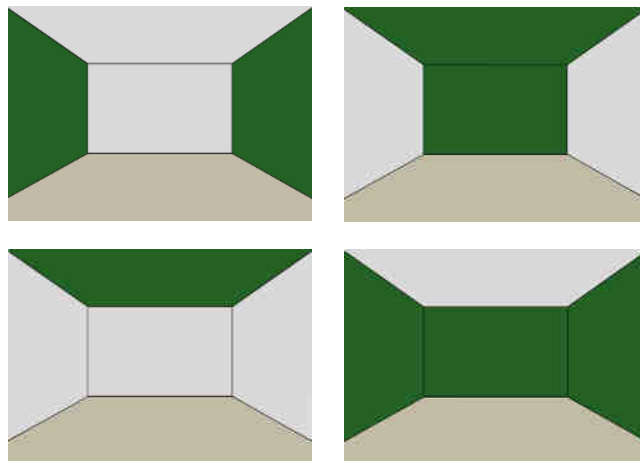


Figura 2 – Alteração da percepção do espaço consoante a aplicação da cor [adaptado de Archdaily]

vez que, por exemplo, o amarelo se torna menos estimulante numa parede áspera sobre a qual a luz incidente projeta sombras e as cores em geral têm menos intensidade numa superfície abrangente (Janson & Tigges, 2014: 57-58). Por outro lado, e tendo em análise condições normais de iluminação, uma superfície lisa absorve mais a luz tornando-se mais refletora e, por consequência, mais clara do que uma superfície rugosa (Muga, 2005: 43). Ou seja, a cor acaba por ter características bastante inconstantes levando esta mesma a sofrer mutações e, por isso, a criar de certa forma uma ambiguidade na sua mensagem (Duarte et al., 2007:13). Não nos podemos esquecer também da importância da interação entre diferentes cores presentes simultaneamente no mesmo espaço uma vez que estas se influenciam uma à outra, assim como se torna igualmente necessário compreender que a função simbólica da cor a nível pessoal e cultural pode ter simbologias completamente distintas ou até mesmo antagónicas da nossa. (Janson & Tigges, 2014: 57-58). *“A cor é, assim, componente do espaço porque: É propriedade da matéria que o configura. É atributo da luz que o torna visível. É inerente ao observador que o torna sensível”* (Duarte et al., 2007: 11).

No entanto, após este contexto continua a ser na mesma uma questão a maneira como o ser humano é influenciado através da cor. Para isso podemos recorrer a Muga (2005) e ao seu livro *Psicologia da Arquitetura* onde este escreve um subcapítulo dedicado à *Influência da cor*. Como este refere,

“vários autores consideram ser por associação que as cores atuam; por exemplo, o vermelho excita-nos porque nos faz lembrar o fogo ou a revolução enquanto que o verde nos tranquiliza pela sua associação à natureza. Contudo, os efeitos da cor são tão imediatos e espontâneos que não podem ser apenas o resultado do processo associativo. Vários estudos citados por Arnheim (1996), demonstram que a cor desencadeia várias reacções fisiológicas. Assim, verifica-se que: a luz colorida (num contínuo crescente desde o azul até ao vermelho) aumenta a circulação sanguínea e a força muscular; cores com altos comprimentos de onda, alta claridade e alta saturação aumentam a excitação; cores com altos comprimentos de onda desenvolvem uma reacção expansiva dirigida ao observador; ao contrário de cores com baixos comprimentos de onda que se afastam de nós” (Muga, 2005: 45).

Na mesma linha de pensamento, há também autores que fazem menção às qualidades terapêuticas da cor.

“Através da cromoterapia, uma ciência que usa a cor para estabelecer o equilíbrio e a harmonia do corpo, da mente e das emoções, pode-se reestabilizar o equilíbrio emotivo, espiritual, fisiológico e/ou psicológico do ser humano e propiciar a sua cura” (Silva & Monteiro, 2006 apud Manaia, 2012: 74).

A verdade é que a cor pode ser aplicada na arquitetura com vários propósitos concretos. Este elemento arquitetônico tanto pode ter uma função orientadora, termorreguladora e caracterizadora, como pode servir de ferramenta para acentuar e enfatizar algo que se pretenda realçar (Muga, 2005: 197-198).

Por último, e uma vez definido o lugar e a materialidade onde a cor vai ser aplicada, o sistema ACC (Acoat Color Codification), indicado por Avilés e Montoya (1983), vai permitir testar a interação das cores e possibilitar a imaginação aproximada do efeito em grande escala (Muga, 2005: 201).

EFEITOS PSICOFISILÓGICOS E SIMBOLOGIA DAS CORES

VERMELHO	Doce, quente e próximo. Acelera a respiração. Estimula a atividade psíquica e sexual.	Guerra, força, virilidade, poder, perigo, fogo, sangue, carne, mulher, lábios, erotismo.	Dinamismo, violência, agressividade, coragem, glória, amor, paixão, vida, luxúria, alegria.
LARANJA	Doce, apimentado, muito quente e muito próximo. Estimulante.	Laranja, pôr do sol, luz, chama, calor, poder, força, festa, perigo, segurança, fertilidade, sexualidade.	Luminosidade, alegria, euforia, amor, prazer, frivolidade.
AMARELO	Doce, muito quente e próximo. Estimulante.	Luz, chama, verão, calor, palha, limão, terra argilosa, adolescência.	Iluminação, conhecimento, imaginação, orgulho, gozo, prazer, alegria, amor, ciúme, egoísmo, inconstância, frivolidade.
VERDE	Levemente aromático, frio e distante. Calmante e regulador.	Humidade, frescura, bosque, mar, planície, primavera, juventude, saúde, fertilidade.	Bem-estar, paz, reserva, tranquilidade, equilíbrio emocional, sobrenatural, esperança, amor, inveja.

AZUL	Frio e distante. Calmante e aumenta a concentração.	Céu, mar, frio, montanhas longínquas, espaço, infinito, viagem.	Verdade, intelectualidade, paz, harmonia, silêncio, reserva, transcendência, crença, confiança, fidelidade, amizade, amor.
VIOLETA	Amargo, perfumado, frio e muito próximo. Calmante.	Igreja, aristocracia, poder, noite, morte, mistério, sonho, mar profundo.	Espiritualidade, misticismo, calma, autocontrole, intimidade, fantasia, dignidade, justiça, tristeza, engano, agressividade, violência.
BRANCO		Neve, luz, claridade, dia, nascimento, batismo, sorte, limpeza, alma, infância, castidade, casamento, cisne.	Pureza, transparência, paz, inocência, simplicidade, otimismo, divindade, pensamento, dignidade.
PRETO		Obscuridade, noite, mistério, desconhecido, poder, sujidade, morte, demónio.	Tristeza, pessimismo, dor, angústia, desespero, seriedade, nobreza, elegância, distinção, fascínio.

Tabela 1– Tabela elaborada com base no livro *Psicologia da Arquitetura* (Muga, 2005: 46)

1.2.2. Luz Natural

Segundo Louis Kahn, “a luz natural é um importante factor construtivo e determina a identidade de um espaço” (Giurgola, 1998 *apud* Muga, 2005: 191). Por sua vez, para Lechner (1930) a ausência de luz no interior de um lugar pode refletir-se na criação de um ambiente escuro e frio enquanto o excesso desta pode vir a tornar-se ofuscante e prejudicial à saúde ocular. Ou seja, o conforto físico do indivíduo pode ser influenciado pela quantidade de luz natural e pela sua intensidade (Permatasari, 2015: 795). Outro ponto complementar e também de conhecimento geral é o de Victor Papanek (1995), o autor menciona a mudança da nossa disposição emocional consoante a duração dos dias no Inverno e no Verão. Respetivamente, quando estes são mais curtos e escuros a tendência é de nos sentirmos mais deprimidos e apáticos enquanto, quando os dias são mais longos e luminosos adquirimos uma disposição mais energética.

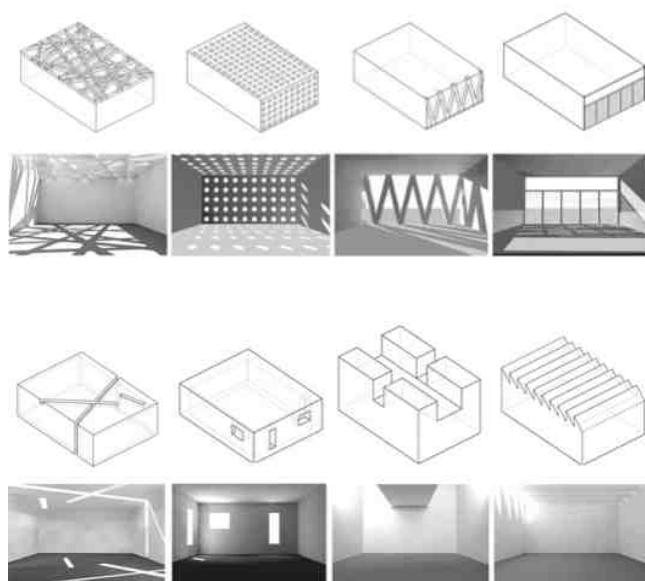


*Figura 3– Variação da luz natural no interior do espaço
consoante as aberturas [Siobhan Rockcastle, Marilyne Andersen]*

Assim, é de salientar já desde início a descoberta da existência de uma relação significativa entre a luz natural e a recuperação hospitalar tendo sido testado e comprovado que certos pacientes internados em quartos virados a sul recuperaram mais rapidamente do que os dos quartos virados a norte (orientação solar mais fraca). Do mesmo modo, os pacientes internados num quarto exposto a uma alta intensidade de luz natural apresentaram condições psiquiátricas mais estáveis, e uma velocidade de recuperação de três a cinco dias mais rápida do que os pacientes internados em quartos com menor exposição. Desta forma, vertentes como a orientação solar ao longo do dia, as condições meteorológicas e o formato do espaço em questão, são necessárias de ter em conta de maneira a permitir a criação de vãos mais eficientes (Choi et al., 2012; Benedetti et al., 2001 *apud* Permatasari, 2015: 797).

Como elo entre o exterior e o interior, as janelas têm então o poder de determinar através das suas dimensões e formatos se o espaço é dotado de zonas de claro/escuro ou se este é iluminado de forma uniforme, refletindo-se isto posteriormente no carácter final do lugar, como se pode averiguar na *figura 3*. Assim, quando estamos perante uma janela no canto de uma sala, a iluminação é intensa na parede lateral adjacente a esta, transmitindo continuidade ao exterior. Por sua vez, as janelas próximas ao pavimento iluminam essa área particular enquanto as janelas altas atribuem à sala um gesto ascendente trazendo simultaneamente iluminação a todo o espaço. Segundo Muga (2005), um grupo de janelas sequenciais fragmenta um panorama e cria um ritmo que estimula o movimento dentro do espaço. Em relação à luz zenital, uma janela que assume a forma de uma abertura no teto ou especialmente uma cobertura envidraçada, dá um carácter exterior ao espaço dotando este de uma luz uniforme e aparentemente invariável, a qual se não for combinada com outras que proporcionem vistas para o exterior, leva ao sentimento de isolamento perante o resto do mundo. Por outro lado, o posicionamento de vãos em diferentes orientações no mesmo espaço permite evitar que os objetos se aparentem como silhuetas devido à contraluz e proporciona ainda uma vivência diferente do espaço ao longo do dia com um jogo de luz e sombra. Ou seja, a luz natural é criadora de uma dinâmica de movimento, mudança de cor e intensidade, é produtora de um ambiente constantemente diferente através da alteração da direção, cor e brilho dos raios solares (Janson & Tigges, 2014: 183-184; Permatasari, 2015: 797; Muga, 2005: 174).

“A par da influência do lugar, da estação do ano, do clima e de fatores como a intensidade, cor e ângulo de iluminação, temos também a influência da orientação do edifício relativamente à trajectória do sol” (Muga, 2005: 190). Assim, segundo os autores Jason e Tigges (2014), a luz oriental, amarelo-acinzentado é criadora de sombras suaves e



Figura 4 – Corredor e piscina da Casa Gilardi e a sua magia de cor e luz [Eduardo Luque]

apropriada para o despertar, enquanto a ocidental, com o seu tom dourado, penetra intensamente no espaço anunciando o fim do dia. Em relação à luz proveniente do Norte, pálida e cinzenta, esta promove um ambiente sóbrio e neutro, enquanto a do Sul exibe cores claras, sombras fortes e promove a atividade. Para além disso, os autores apontam ainda para as distintas características regionais, referindo que a luz mediterrânea é notavelmente diferente da luz do Norte da Europa refletindo-se isto nas personalidades singulares e paisagens das distintas regiões.

Para além das aberturas, é ainda de salientar a existência de vários outros fatores que influenciam a qualidade da luz num espaço, como a cor e materialidade das formas e/ou superfícies do espaço e a disposição interior deste (Muga, 2005: 193). Ora para melhor percebermos esta influência respetiva às vertentes da cor e luz podemos referir Luis Barragán, um exemplo de arquiteto que define a policromia nas suas obras após a visita das mesmas a distintas horas do dia, surgindo esta de forma intuitiva através da observação dos jogos de luz e sombra refletidos pelos planos (Barragán, 1980 *apud* Aires, 2017: 93). Este, conjugando a projeção da luz com a coloração das superfícies revela-se criador de um mundo de sensações (Fernández et al., 1996 *apud* Aires, 2017: 97), tal pode ser verificado na *figura 4* onde notamos dois espaços onde a cor e luz conjugadas criam uma atmosfera emocional caracterizadora deste arquiteto que procura nas suas obras proporcionar a proximidade da arquitetura com o Homem (Barbarin, 2008 *apud* Aires, 2017: 101).

No entanto, como podemos usar a luz na sua forma mais eficiente? Esta resposta é, como já visto anteriormente, relativa à função do espaço em questão e ao ambiente que se pretende conquistar, por exemplo, os seres humanos, como *animais fototrópicos*, procuram *ilhas de luz*, ou seja, locais iluminados que se destacam e acabam assim por se tornar, por sua vez, espaços de convívio ou de retiro sem necessitar de limites, desta forma, a luz, ou a ausência desta, torna-se aqui um elemento orientador e decisivo do espaço (Janson & Tigges, 2014: 185).

“Efectivamente, a luz do sol tem uma grande influência sobre as superfícies, as formas, as texturas e o espaço, bem como sobre o clima emocional de uma sala, determinando assim, de forma directa e indirecta, a eficiência e a eficácia das atividades que uma divisão suporta. [...] a cor e o brilho do sol podem criar uma atmosfera alegre dentro de uma sala, enquanto que uma luz mais difusa pode impregná-la de uma clima sóbrio” (Muga, 2005: 191).

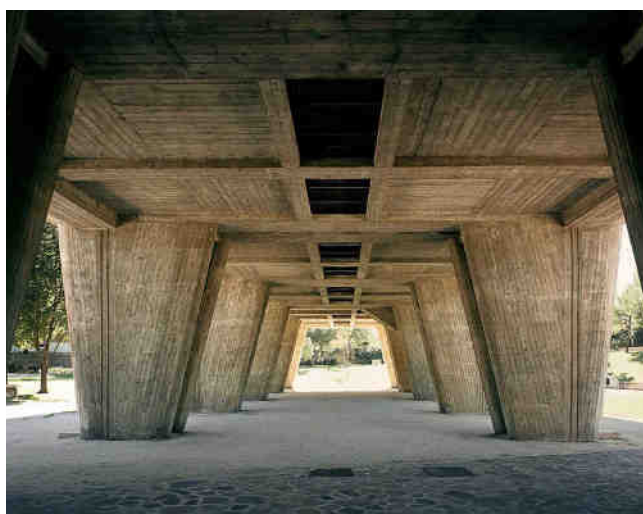


*Figura 5 – Parede interior da Koshino House de Tadao Ando
[Mitsuo Matsuoka]*

*Figura 6 – Imagem exterior da Unidade Habitacional de
Marselha de Le Corbusier [Fondation Le Corbusier]*

1.2.3. Materialidade

Tendo em conta a capacidade dos materiais em corporizar a forma projetada assim como criar o limite físico transmissor de sensações ao corpo humano, é seguro afirmar que a materialidade é o meio físico através do qual a arquitetura se expressa. Estes, assim como a forma como são empregues, vão ser formuladores do carácter espacial não só pelas suas características visuais como pelas suas qualidades acústicas e térmicas (Martins, 2012: 97-98). Como é mencionado no livro *Fundamental Concepts of Architecture*, se a arquitetura é realmente capaz de estimular os nossos sentidos isso deve-se essencialmente à materialidade, aliás estes últimos contribuem todos para a perceção da mesma, ou, por outras palavras, não é essencialmente necessário o uso do tato para poder percecionar uma determinada superfície, a nossa visão é capaz de antecipar o toque de algo e eventualmente até mesmo prever o seu cheiro e sabor. No entanto, enquanto certas propriedades dos materiais podem ser percecionadas previamente através do tato e do comportamento destes quanto à absorção e reflexão do barulho, luz e condução do calor, algumas características apenas conseguem ser identificadas pelo barulho e sensação obtida ao batermos na superfície, sendo que o material ao ser percutido poderá revelar ser mais ou menos sólido, poroso, pesado ou leve (Janson & Tigges, 2014: 189-190).

Os materiais têm o poder de nos atrair, de nos levar a entrar fisicamente em contacto com a arquitetura, no entanto, o efeito produzido vai depender essencialmente do seu tratamento. Por exemplo, segundo os autores, uma parede interior, subtilmente fabricada pelo Tadao Ando (*figura 5*), promove uma sensação íntima e aveludada, enquanto, por sua vez, a aspereza de uma parede exterior de um *béton brut* de Le Corbusier (*figura 6*), evoca a estratificação da alvenaria (Janson & Tigges, 2014: 190). Por sua vez, a transição de uma calçada fria e dura para uma carpete quente e macia pode servir de guia e indicar a passagem do exterior para o interior revelando, respetivamente o carácter público do espaço e o ambiente íntimo de casa (Janson & Tigges, 2014: 192).

Podemos ainda destacar que,

“a sensação auditiva é influenciada pelas características do meio de transmissão. É sabido que recintos com formatos e materiais diferentes reverberam de modo diverso, o que influencia a acústica dos recintos. O historiador de arquitetura Leland Roth (2000) diferencia os locais reverberantes dos locais surdos. Um local reverberante é aquele que tem superfícies duras e rígidas (como o mármore polido, o mosaico sobre paredes

maciças, etc.) que refletem quase todo o som que recebem. Com o tempo o som vai perdendo energia, à medida que se vai refletindo nas superfícies, até que, gradualmente acaba por desvanecer-se. O tempo necessário para que isso aconteça é o tempo de reverberação; em espaços grandes com superfícies duras, este tempo pode ser de 6 segundos ou mais. Pelo contrário, um local surdo é aquele que tem superfícies absorventes do som (como pesados cortinados, móveis trabalhados, estantes cheias de livros, etc.), cujo tempo de reverberação pode ser inferior a meio segundo ou quase nulo. O problema com que se enfrenta o arquiteto é o de projetar um espaço de características tais que o som se reflita da forma desejada” (Muga, 2005: 51).

Para além do sentido auditivo, a natureza dos materiais interfere também ao nível do sistema olfativo uma vez que estes dotam os locais de cheiros característicos (Muga, 2005: 54), apesar disso, é de se realçar na mesma que, na maioria das vezes, as propriedades dos materiais não são percebidas isoladamente, necessitam da interação com outros materiais podendo estes se moldar, contrastar ou acentuar um ao outro (Janson & Tigges, 2014: 191).

Após isto, é na mesma necessário mencionar o estudo de Zhang, Lian & Wu (2017) acerca das respostas fisiológicas por parte dos indivíduos participantes subtidos a ambientes interiores com textura em madeira comparativamente a outros materiais, onde foi possível concluir que um espaço dotado deste material fornece um ambiente mais benéfico para o sistema nervoso, sistema respiratório e sistema visual. A aplicação da madeira reflete-se, portanto, no aumento da facilidade do desempenho num espaço de trabalho reduzindo o sintoma de fadiga (Zamani et al., 2023: 112).

1.2.4. Natureza

“Dentro deste espaço fechado, muitas e variadas árvores [...] formam um verdadeiro pomar. [...] O homem doente senta-se sobre a grama verde... ele está seguro, escondido, protegido contra o calor do dia [...]; para o conforto de sua dor, todos os tipos de grama são fragrâncias nas suas narinas. O agradável verde das ervas e das árvores enche seus olhos. [...] o coral dos pássaros acaricia seus ouvidos [...] a terra respira cheia de frutos, e ele inválido, com seus olhos, ouvidos e narinas, se esbalda no prazer das cores, sons e perfumes” (Warner, 1995 apud Vasconcelos, 2004: 80).

Face ao crescimento urbano exponencial nos últimos tempos, o contacto do ser humano com o ambiente natural tem vindo a ser posto em risco surgindo por consequência o crescimento do conceito de arquitetura biofílica em resposta à necessidade de procura de estimulação derivada de fontes naturais nos nossos ambientes. A biofilia consiste numa hipótese que defende a afinidade da natureza com os seres vivos e, por sua vez, a arquitetura biofílica é uma abordagem que procura criar o contacto do indivíduo com a natureza (Shaikh, 2023: 2-3). Segundo Mahmoud (2017), existem estudos que indicam que o contacto com o ambiente natural reproduz resultados positivos na saúde geral de um indivíduo. Este contribuiu em questões de relaxamento, ansiedade e concentração e incentiva o contacto social, o lazer e a atividade física (Mahmoud, 2017: 8), sendo isto em parte comprovado pelo estudo de Ulrich (1984) sobre a influência da visualização de paisagens naturais na recuperação de pacientes pós-cirúrgicos, onde foi possível averiguar que os pacientes internados em quartos expostos a uma paisagem natural, face aos expostos à paisagem de um muro de tijolo, recuperam num menor tempo relatando menos queixas e mostrando índices menores de complicações cirúrgicas (Vasconcelos, 2004: 77).

No seguimento deste tema, mostra-se também imprescindível salientar o conceito de jardim terapêutico, o qual, através dos elementos fornecidos pela natureza procura a estimulação corporal e sensorial revelando-se num espaço concebido para satisfazer e promover o bem-estar físico e psicológico do indivíduo (Mourão, 2013 *apud* Xarepe, 2018: 23). Muga (2005) menciona ainda que, o som provocado pelos elementos naturais constitui um traço característico do ambiente onde *“as árvores, os arbustos, as canas cantam quando agitadas por uma leve brisa”* (Muga, 2005: 52). No entanto, com elementos naturais não queremos apenas restringir-nos aos elementos verdes, a água mostra ser igualmente um elemento importante visto que *“sentir o cheiro da água ou o próprio toque na mesma, podem conduzir a sensações de tranquilidade e equilíbrio mental”* (Xarepe, 2018: 25).

Ou seja, quando estamos perante a natureza vários dos nossos sentidos são ativados uma vez que o cheiro dos elementos verdes estimula o sentido olfativo, *“o toque, o sentido táctil, uma maçã colhida do pomar; o sentido gustativo, os pássaros a palrear, o sentido auditivo, e a visualização destes elementos de paz e serenidade, o sentido visual”* (Xarepe, 2018: 22).

CAPÍTULO 2 – INTERVENÇÃO COGNITIVA

Chegado a este ponto conseguimos adquirir a informação necessária para compreender que, de facto, a arquitetura detém um grande poder na componente neurológica e psicológica do ser humano, sendo várias as ferramentas ao nosso dispor através das quais conseguimos manipular o cérebro do sujeito e assim criar um ambiente propício à função que lhe será atribuída. Ou seja, é de refletir que esta área é um instrumento que, se bem manuseado, poderá contribuir para melhorar a qualidade de vida das pessoas. É, por esta mesma razão, que surge, neste próximo capítulo, a necessidade, perante o objetivo final de concretização de uma residência sénior para alzheimer, de realizar uma investigação não apenas sobre esta doença como também de como poderemos usar a nossa disciplina e tudo o que lhe compete para melhorar o dia-a-dia desta população que, vai perdendo progressivamente capacidade não só de aproveitar os seus últimos anos de vida, mas também simplesmente de a viver.



*Figura 7 – Ilustração representativa da doença de Alzheimer
[Cemile Bingol]*

2.1. Compreensão da Doença de Alzheimer

No início da elaboração de um projeto, um dos principais e primordiais aspetos a ter em conta é conhecer o nosso público-alvo de maneira a tornar a nossa proposta mais adequada às condições do mesmo. Desta forma, e estando nós perante um projetar para pessoas com Alzheimer, torna-se essencial compreender, antes de mais, esta doença, de que forma esta interfere na vida das pessoas e como se desenvolve ao longo do tempo.

Segundo a *Associação Alzheimer Portugal*, como tipo de demência mais comum (50% a 70% dos casos), o Alzheimer

“provoca uma deterioração global, progressiva e irreversível de diversas funções cognitivas (memória, atenção, concentração, linguagem, pensamento, entre outras). Esta deterioração tem como consequências alterações no comportamento, na personalidade e na capacidade funcional da pessoa, dificultando a realização das suas atividades de vida diária”
(Associação Alzheimer Portugal, n.d.).

Ocorre, portanto, um processo científico que, de forma geral, é caracterizado pela morte neural em determinadas partes do cérebro representada pela redução das células cerebrais e pela impossibilidade de comunicação entre as células nervosas. Não havendo ainda conclusões exatas quanto à sua origem e podendo estas variar de caso em caso assim como derivar de um ou mais fatores, esta condição é suscetível de aparecimento a qualquer pessoa, sendo mais comum em indivíduos acima dos 65 anos, uma vez que, nestas idades a demência afeta aproximadamente uma em cada quatro pessoas (Associação Alzheimer Portugal, n.d.).

Começando normalmente por lapsos de memória, e apesar dos sintomas variarem consoante a progressão da doença e as pessoas em questão, são vários os sinais característicos desta demência. Estamos perante o uso de um discurso vago, a perda de entusiasmo na realização de atividades anteriormente apreciadas, a demora na realização das atividades de rotina, a dificuldade de compreensão e de socialização e a imprevisibilidade emocional, para além da conhecida progressiva falta de memória. As capacidades do indivíduo vão então variando de dia para dia podendo até mesmo oscilar durante o mesmo, sendo o stress, a fadiga e os problemas de saúde causadores de um maior agravamento. Já numa fase mais avançada, esta doença leva à perda completa da independência da pessoa e por fim à sua morte, sendo atribuída uma média de sete a dez anos de vida a alguém que desenvolve esta condição. O Alzheimer é, portanto, uma doença *“progressiva e degenerativa e, atualmente, irreversível”* (Associação Alzheimer Portugal, n.d.).



Figura 8 – Fotografia de um residente a fazer compras / De Hogeweyk Dementia Village [DVA]

2.2. A Independência do Indivíduo com Alzheimer

“The specific brain dysfunctions of people with Alzheimer’s diseases and related dementias make environment design a particularly effective treatment for the symptoms of this disease, especially when appropriately combined with operational management techniques focused on enhancing the lives of persons with dementia. By understanding and taking advantage of interactive effects of design and operations, the effect of each design or operational effect is amplified” (Schwarz & Brent, 1999: 110).

Através do conhecimento do impacto do Alzheimer no indivíduo ficamos a perceber o inimigo que esta doença representa na concretização de uma vida normal, no entanto, como Schwarz & Brent referem no livro *Aging, Autonomy and Architecture* (1999), as pessoas com demência que não se encontrem nas fases finais da doença, continuam a ter algumas capacidades para participar em atividades como, por exemplo, cozinhar, conversar e caminhar. Estas conseguem ter alguma autonomia nas tarefas do dia-a-dia (*figura 8*) desde que se encontrem num ambiente seguro e controlado (Schwarz & Brent, 1999: 112). Apesar de já termos visto no primeiro capítulo o impacto que a arquitetura pode ter no sujeito, surge, agora, a questão de como é que os elementos arquitetónicos podem estimular o doente de Alzheimer a desenvolver a sua autonomia por um período o mais alargado possível minimizando os efeitos da demência e permitindo o alcance de uma melhor qualidade de vida. Segundo os mesmos autores, aspetos como o planeamento no controlo das saídas, criação de percursos para caminhadas, espaços pessoais, mas também sociais, *healing gardens*, um ambiente familiar e um ambiente com base nas sensações, representam contributos para manter a independência e autonomia dos residentes, uma vez que estes põem em prática as suas capacidades o que lhes permite adquirir um sentimento de controlo e satisfação para com eles próprios, algo não só benéfico para os idosos, mas também para os funcionários e familiares que os rodeiam (Schwarz & Brent, 1999: 125).

Desta forma, procuramos, ainda neste capítulo, perceber de que maneira podemos obter uma atmosfera familiar num edifício que normalmente apresenta um carácter institucional; criar um programa funcional favorável aos seus utilizadores; auxiliar de forma eficaz na sua capacidade de orientação; e conseguir manter na mesma a segurança dos mesmos sem lhes pôr em causa a liberdade, investigando ao mesmo tempo como estas características geradas através do planeamento e construção de um ambiente podem resultar na promoção da autonomia dos indivíduos.

2.2.1. Criação de uma Atmosfera Familiar

A doença de Alzheimer representa, já por si só, uma condição complicada e perturbadora, no entanto, quando esta vem acrescida do deslocamento do sujeito da sua casa para uma instituição, é de se esperar que esta mudança de o retirar da sua zona de conforto e normalidade o vá atingir negativamente, especialmente se esta for dotada de um carácter hospitalar e institucional baseada num ambiente de controlo e monitorização com escassez de elementos e atividades estimuladoras.

Segundo Zeisel (2013), a sensação de estar em casa por parte das pessoas que sofrem de demência, é causadora da diminuição dos níveis de ansiedade, agitação, agressividade e apatia pelo simples facto de estes obterem e deterem uma sensação de controlo. O autor revela que esta perceção de lar pode ser conquistada através do uso de objetos e lembranças pessoais assim como através da escala dos espaços, devendo as áreas dos compartimentos ser equivalentes aos de uma habitação unifamiliar usual (Zeisel, 2013: 50). Schwarz & Brent (1999), partilham da mesma opinião, estes referem que a familiaridade com o mobiliário e os objetos pessoais aumentam não só o sentimento de pertença ao lugar por parte do indivíduo como também o seu relaxamento, reduzindo de forma consequente a possibilidade de comportamentos inadequados. Para além disto, estes mencionam de igual forma a escala dos espaços (Schwarz & Brent, 1999: 115,117) referindo adicionalmente que a presença de características residenciais pode funcionar como pistas para os residentes de como se devem comportar no espaço em questão.

“A kitchen cues eating, cooking and washing up; a dining room cues eating; a living room cues sitting together and talking; a fireplace cues sitting alone or together, feeling warm; a garden patio cues enjoying the sun. Each of these places also represents an archetypal feeling and experience that people may never lose, because it is so deeply rooted in our being: warmth, food, sun, company” (Schwarz & Brent, 1999: 124).

Por sua vez, acha-se também pertinente referir por último que, Chmielewski & Eastman (2014), acrescentam outras recomendações como a criação de um layout e hierarquia espacial residencial convencional, o uso de materiais apropriados a uma habitação e a capacidade de permitir a personalização e apropriação do espaço (Chmielewski & Eastman, 2014: 15).

2.2.2. Programa Funcional

Como vimos anteriormente, a criação de um ambiente familiar é essencial para o conforto e sentimento de pertença ao lugar em que os residentes estão inseridos. Por outro lado, segundo Schwarz & Brent (1999), a oferta de um programa robusto de atividades é uma característica central na qualidade de vida do sujeito com Alzheimer, sendo necessário criar oportunidades para a realização de tarefas que reflitam ritmos diurnos habituais uma vez que *“engaging in everyday, real-life activities, such as reading a newspaper or shopping in a local store, connects residents to the real world”* (Schwarz & Brent, 1999: 120), para além de que uma diversa oferta de espaços resulta ainda numa interação variada entre os residentes, o que contribui para o bem estar destes (Schwarz & Brent, 1999: 123).

No entanto, os mesmos autores acreditam também que, por passarem muito tempo juntos, os residentes necessitam de locais onde possam evitar a interação social (Schwarz & Brent, 1999: 114) e ter a sua privacidade, aspeto que é pouco tido em conta por representar custos elevados. Holahan (1982) realça a importância dos quartos privados ou semiprivados assim como a necessidade de dar às pessoas o controlo pessoal sobre as suas posses permitindo o desenvolvimento da sua responsabilização e autonomia (Muga, 2005: 150). Zeisel (2013), é ainda da opinião de que os quartos devem ser privados ou então partilhados apenas com uma pessoa. Acrescenta ainda que, a par da privacidade, a personalização do espaço é também importante, referindo a possibilidade do uso dos próprios móveis e da exposição de objetos pessoais, os quais, representam uma ferramenta de lembrança e identidade (Zeisel, 2013: 49). Podemos então perceber que a privacidade contribui para a dignidade e personalidade dos residentes podendo reforçar também a participação dos familiares nas residências seniores uma vez que estes acabam por se sentir mais confortáveis nas visitas tendo um espaço reservado do resto do ambiente (Schwarz & Brent, 1999: 122).

Como vimos no capítulo anterior, o contacto com a natureza reproduz resultados positivos na saúde geral do sujeito, contribuindo em termos de relaxamento, ansiedade e concentração, para além de incentivar o contacto social e o lazer, ou seja, como Zeisel (2013) indica, os jardins são um outro espaço comum fundamental, que reduz as perturbações em termos de horário revelando a noção do tempo, do dia e do ano (Zeisel, 2013: 49) e ajudando em questões de sono (Schwarz & Brent, 1999: 120). Para além disso, o espaço exterior proporciona ainda a elaboração de atividades convencionais como caminhar e jardinar, contribuindo para o programa robusto de atividades que se viu ser favorável à qualidade de vida dos residentes (Schwarz & Brent, 1999: 123).

2.2.3. Orientação

“Spatial disorientation and declining wayfinding abilities are among the early symptoms of dementia, limiting a person’s ability to perform activities of daily living (ADLs) independently and ultimately, perhaps leading to institutionalization. A prerequisite to maintaining residents’ quality of life in a nursing home is their ability to orient themselves within their new environment” (Marquardt, 2011: 75).

Uma vez que a falha da memória é um aspeto característico do público a habitar este edifício torna-se evidente a necessidade de perceber de que maneira podemos conseguir que estes circulem livremente e mesmo assim se consigam localizar, assim como aos espaços que procuram atingir, sem apresentarem uma deambulação perdida e, consequentes, sinais de frustração.

Segundo Marquardt & Schmieg (2009), o fator mais significativo na orientação independente consiste no número de residentes/tamanho da unidade, uma vez que os resultados da sua investigação mostraram que os índices de orientação diminuía à medida que o número de residentes aumentava por unidade habitacional (Marquardt & Schmieg, 2009: 335), tendo os resultados sido melhores em unidades pequenas com 8 a 10 residentes (Marquardt, 2011: 82). Perante o estudo de Netten (1989), foi possível concluir que os residentes que percorreram percursos mais longos apresentaram uma maior dificuldade em termos de orientação, sendo que a existência de mudanças de direção no percurso e de elementos repetitivos foram relacionados à tendência destes se perderem. No entanto, a existência de um maior número de locais com diferentes usos/funções contribuíram positivamente para a orientação dos mesmos (Marquardt, 2011: 80).

Por sua vez, num estudo de Passini et al. (2000), onde havia a necessidade de utilização de elevadores na vivência diária do edifício, chegou-se à conclusão que este veio a ser uma grande barreira para os idosos, acabando por surgir a necessidade de auxílio por parte dos funcionários. Para além disto, a investigação veio afirmar ainda que, aliado à distinção da função dos diferentes espaços e à sua sinalização, aspetos como o acesso visual direto à sala comum, corredores de circulação simples e espaços de pequena escala foram identificados como características beneficiadoras à orientação do sujeito (Marquardt, 2011: 81). No entanto, um percurso bem projetado pode tornar a perambulação numa caminhada, desde que este tenha uma conexão de corredores cuidadosa e permita o alcance de vários espaços consecutivos não acabando num corredor sem saída (Schwarz & Brent, 1999: 114).

Uma vez que as pessoas que sofrem de demência reconhecem com maior facilidade objetos de cores vivas e altos contrastes do que objetos em tons pastel, (Cernin et al., 2003 *apud* Wiener & Pazzaglia, 2021: 722) a cor pode consistir num elemento arquitetónico a ser usado para evidenciar um ponto de referência, indo de acordo ao que investigamos no primeiro capítulo acerca deste elemento e do seu impacto no espaço. Para além disso, e embora estejamos até agora apenas a ter em conta pistas a nível visual, não nos podemos esquecer que o olfato consiste no nosso sentido mais evocativo, tendo o dom de evocar recordações mais profundas do que as imagens e os sons, ou seja, os cheiros podem também fornecer pontos de referência facilitando a orientação até ao lugar de onde este provém, como por exemplo, o cheiro da comida auxilia na descoberta da localização da cozinha (Muga, 2005: 54).

2.2.4. Segurança

Todos os aspetos referidos anteriormente são importantes, mas só apenas com o contributo da criação de um ambiente seguro e propício à concretização destes é que será possível atingir os objetivos referidos. Assim, é preciso bastante atenção a pormenores aparentemente simples como, por exemplo, a existência de corrimões (para auxílio e apoio), a escolha da materialidade do pavimento (antiderrapante para evitar quedas) e as alturas do mobiliário (um vaso sanitário baixo pode impedir a pessoa idosa de se conseguir levantar sozinha) (Schwarz & Brent, 1999: 115).

Como Zeisel refere no seu artigo *Improving person-centered care through effective design* (2013), o cérebro humano é naturalmente curioso e as pessoas com demência não são exceção. Por exemplo, as portas são elementos convidativos e quando levadas a locais perigosos devem ser alvo de um pensamento extra de maneira que estas se tornem invisíveis ou camufladas à visão do indivíduo. No entanto, quando estas são locais de passagem para um lugar seguro e permitido, devem também ser alvo de atenção e convidar a pessoa a usufruir do espaço que se encontra por detrás desta. As portas representam apenas um dos casos a ser explorados, como o autor indica o mesmo acontece com as janelas e os muros circundantes, aspetos que se forem tidos em consideração vão não só garantir uma maior segurança como vão proporcionar a independência desejada uma vez que vai haver maior liberdade e por sua vez uma maior sensação de controlo e de pertença ao espaço. Não esquecendo o quão isto é também beneficiador para os cuidadores (Zeisel, 2013: 46).

CAPÍTULO 3 – CASOS DE REFERÊNCIA

Nos capítulos anteriores conseguimos compreender que a arquitetura consiste numa ferramenta manipuladora da vida do ser humano e que o seu “manuseio” deve ser alvo de uma cuidada reflexão. Este exercício ponderativo engloba não só uma investigação teórica, como a que efetuamos aqui anteriormente, mas também um estudo de obras e projetos já existentes onde se possa perceber como os arquitetos aplicaram uma teoria escrita a uma prática construída. Ou seja, neste terceiro capítulo, apresentamos quatro obras concluídas, as quais, tendo todas como público-alvo pessoas que enfrentam a doença de Alzheimer e/ou demência, procuram proporcionar aos doentes uma melhor qualidade de vida através da promoção da sua independência e autonomia transversalmente à criação de um ambiente baseado nos estímulos. Como pudemos perceber no capítulo anterior, a cor, a luz natural, os materiais e a natureza são ferramentas arquitetónicas e estimuladoras do ambiente que se encontram intrinsecamente presentes quando abordados os temas do ambiente familiar, programa, orientação e segurança. Assim, cabe-nos agora perceber como, no exercício de conquista da independência do indivíduo, foram estes temas explorados e pensados nos casos a seguir apresentados.



Figura 9 – Espaço exterior com aparência de dia normal numa cidade / De Hogeweyk [Be The Hogeweyk Care Concept]

Figura 10 – Residente a fazer compras no supermercado / De Hogeweyk [Be The Hogeweyk Care Concept]

3.1. Dementia Village ‘De Hogeweyk’ / MBVDA

“The Hogeweyk is the outcome of an innovative and disruptive vision on living, care and wellbeing for people living with severe dementia. It means a paradigm shift in nursing home care” (The Hogeweyk Dementia Village, n.d.).

De Hogeweyk, um bairro suburbano construído em 2009 na cidade de Weesp, Amsterdão (Høj, 2019: 126), corresponde a um projeto com uma visão inovadora no que toca aos cuidados de saúde em lares de idosos onde, segundo Eloy van Hal, um dos seus fundadores, o princípio orientador baseou-se simplesmente na normalidade (Vox, 2022). Para além das 27 casas que alojam 180 moradores, De Hogeweyk é composto por um restaurante, cabeleireiro, teatro, mercearia e espaços verdes (Høj, 2019: 126; Vox 2022). Como podemos observar na *figura 9*, *“at first glance, The Hogeweyk looks a lot like any other neighborhood in the Netherlands. [...] You can see people walking around, getting groceries, having coffee [...]”*. Ou seja, este espaço foi desenhado de maneira a parecer-se o mais possível com o mundo exterior (Vox, 2022), estimulando pessoas com demência grave a viver uma vida normal num ambiente seguro e familiar ao criar incentivos na realização de um quotidiano comum com idas a concertos, jantares no restaurante e visitas a exposições de arte, mas, mais importante ainda, aqui os residentes são também encorajados a efetuar tarefas domésticas comuns como as compras no supermercado (*figura 10*) de itens e alimentos para a casa (DVA Dementia Villages Associates, n.d.). É, portanto, e desta forma, notório o robusto programa necessário para a concretização da ideia e conceito por de trás deste projeto, o qual, para além dos espaços já mencionados acima, é composto ainda por várias salas dedicadas e decoradas a um propósito específico sendo exemplo disso, o espaço das artes e a sala de música clássica (Høj, 2019: 132).

O espaço comum deste bairro é composto por diversas paisagens, pátios, praças, jardins (*figura 11*) e pontos de referência únicos (*figura 12*) permitindo aos residentes uma melhor perceção de onde se encontram uma vez que são incentivados a se deslocarem pelo complexo devido à localização propositada, em diferentes edifícios, de espaços como a barbearia, teatro e mercaria (Vox, 2022). Estes lugares comuns destacam-se também arquitetonicamente pela sua materialidade distinta, a suas proporções e o uso de iconografia nas fachadas (Høj, 2019: 133). *“The use of different tiling, materials, plantation, greenery and trees, as in De Hogeweyk offers clues that supports the orientation, as well as a series of sensorial experiences, that connects to the changes of time and seasons”* (Høj, 2019: 132).

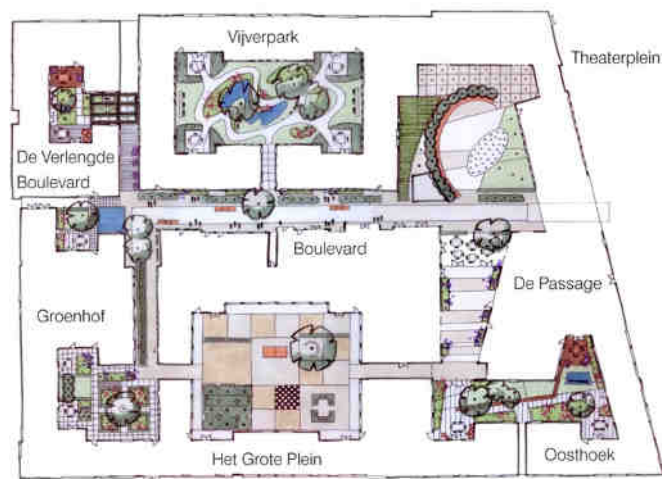


Figura 11 – Planta de espaços exteriores e espaços verdes / De Hogeweyk [DVA]

Figura 12 – A “grande praça” com o xadrez a servir de elemento refenciador / De Hogeweyk [Anita Edridge]

Neste bairro os residentes são divididos em pequenos grupos de seis ou sete pessoas por cada unidade, na tentativa de criar uma escala de casa unifamiliar. No seu interior encontramos uma sala, cozinha, lavandaria e um quarto privado para cada um decorado com objetos pessoais (Vox, 2022; Plockova, 2023). No entanto, estes últimos não são equipados com casas de banho privadas sendo atribuídas duas por cada unidade, algo que Frank van Dillen, fundador da DVA, não aconselha a ser feito hoje em dia, alertando à questão da privacidade (RIBA Architecture, 2022).

Apesar deste ter sido um projeto pioneiro, atualmente o mesmo conceito é replicado em várias partes do mundo, no entanto, este destaca-se dos demais aqui apresentados pela divisão que efetua entre *lifestyles*. Segundo Brenda Smart, enfermeira em Hogeweyk, estamos perante sete estilos diferentes de casa guiados por sete estilos de vida distintos. Como esta explica:

“In Hogeweyk we know seven lifestyles. We know the urban, the homely, the cultural, the Indonesian, affluent, traditional and Christian lifestyle. What is lifestyle? Lifestyle is who you are, it’s what you eat, what you drink, what religion you practice, or you don’t and how do you communicate with others. Before residents come to live in Hogeweyk a lifestyle is chosen. This is done in combination of a digital lifestyle test advice from family and a view of the homes” (VideonetChannel, 2015).

Ou seja, cada unidade é composta por um grupo de pessoas com estilos de vida aproximados onde são partilhadas, por exemplo, as escolhas alimentares e os gostos musicais. Os residentes levam, assim, a vida rodeados de interesses que lhes soam familiares (DVA Dementia Villages Associates, n.d.; Glass, 2014: 77).

É notória uma grande liberdade dos residentes dentro de Hogeweyk, no entanto, para que isto seja possível, a única saída é controlada por uma receção com funcionários que não deixam que estes saiam sozinhos para o perigo do mundo exterior (VideonetChannel, 2015). De igual forma, outro aspeto característico deste projeto é a não existência de corrimãos como é habitual acontecer em lares de idosos, tal escolha, segundo Eloy van Hal, deveu-se à prioridade dada ao uso de andarilhos os quais, criando um apoio bilateral, tornam-se uma ferramenta preferível de auxílio à locomoção (Vox, 2022).

Para terminar esta análise, De Hogeweyk afirma ainda que, desde que efetuaram a transição do modelo anterior e tradicional para esta aldeia, o número de residentes a tomar antipsicóticos diminuiu de 50% em 1993 para 8 a 10% em 2022 (Vox, 2022).



Figura 13 – Muros pré-existent em granito / Alzheimer's Respite Centre [Níall McLaughlin Architects]

Figura 14 – Planta com linhas relativas ao estudo de percursos / Alzheimer's Respite Centre [Níall McLaughlin Architects]

3.2. Alzheimer's Respite Centre / Níall McLaughlin Architects

O projeto Alzheimer's Respite Centre da equipa Níall McLaughlin Architects, localizado em Blackrock, subúrbio da cidade de Dublin, e concluído em 2009, encontra-se situado num antigo jardim do século XVIII que, anteriormente pertencente a um convento, contém já previamente muros retilíneos em granito e de grande altura que foram mantidos por serem considerados estruturas protegidas (*figura 13*). Aqui pretende-se desenvolver um ambiente calmo provido de espaços coerentes onde é promovida a orientação, socialização e encorajamento à locomoção, sendo este um lugar protegido que compreende espaços sociais, jardins, pátios serenos e caminhos desenhados aparentemente de uma forma natural. O objetivo deste projeto é também eliminar o ambiente tradicional institucional de caráter hospitalar através do fluxo descontraído entre os espaços interiores e exteriores e da disponibilidade de salas generosas com iluminação natural (Níall McLaughlin Architects, n.d.).

A partir das fotografias exteriores percebemos que aqui, tal como no projeto anterior, temos de forma constante a presença da natureza como paisagem, uma vez que a ideia central do projeto passa pelo conceito de um jardim romano, com diferentes estilos e plantações associadas a distintas horas do dia (McLaughlin, 2018), ou seja, cada jardim está orientado numa direção específica e é dedicado a um momento do dia diferente. Ainda do ponto de vista exterior, destacam-se também os planos extensos de paredes de tijolo que suportam as estruturas de madeira envidraçadas, as quais, visíveis quer de um panorama exterior na *figura 13* como de uma perspetiva interior na *figura 15*, fornecem ao espaço uma iluminação uniforme e não ofuscante (Curtis, 2011).

Apesar disso, e focando agora em termos de orientação, aspeto mais referido quando se pesquisa acerca deste projeto, é perceptível na planta apresentada na *figura 14* várias linhas coloridas que marcam possíveis trajetos a realizar no ato de deambulação. Aqui, o espaço é desenhado de maneira a criar percursos que passam sempre que possível por salas e jardins, evitando assim corredores e becos sem saída, é, portanto, estudada a garantia de uma orientação intuitiva e segura (Curtis, 2011). Desta forma, e como Níall McLaughlin refere numa palestra sobre o projetar para a demência,

“Each of the gardens on the perimeter the garden in the west is an orchard, the garden in the southeast is an afternoon garden, the east gardens to the dining room and breakfast, the north gardens for the offices, so that each of these gardens have got different smells and scents and as you wander



Figura 15 – Parede colorida / Alzheimer's Respite Centre [Níall McLaughlin Architects]

Figura 16 – Portas coloridas e existência de corrimãos / Alzheimer's Respite Centre [Níall McLaughlin Architects]

around in that sense of continuous unspooling there's always something to lead you on and to make you feel situated” (RIBA Architecture, 2022).

Ainda dentro do mesmo assunto, ou seja, para auxiliar os sujeitos na problemática da questão da orientação, são, não só introduzidas, em posições-chave, paredes coloridas (*figura 15*) assim como são também pintadas com cores distintas cada uma das portas dos quartos (*figura 16*) com o objetivo de ajudar os indivíduos no reconhecimento e distinção dos mesmos (Curtis, 2011).

Tendo em conta a análise das peças gráficas disponíveis na internet, correspondendo uma delas à planta apresentada anteriormente, conseguimos perceber que o programa deste projeto não é tão extenso como os anteriores aqui apresentados, uma vez que para além dos espaços de serviço e escritórios de investigação, conseguimos identificar apenas duas zonas, uma social mais ampla e com uma sucessão de espaços que compromete as salas de estar, jantar, de atividades e cozinha, para além dos pátios associados a estas, e uma zona mais íntima, a qual, atravessada por um corredor, corresponde à zona de acesso aos quartos assim como a outros espaços como, e essencialmente, casas de banho. Achou-se também pertinente evidenciar a separação da zona dos funcionários do resto do edifício, algo que vem permitir a descontração e relaxamento destes nas suas horas de pausa.

Apesar de não estarmos perante um edifício de carácter residencial, os quartos apresentam assentos e mesas embutidas nas janelas, criando assim possibilidade de preencher este espaço com objetos e lembranças pessoais (Curtis, 2011). De igual forma, perante a investigação e observação de fotografias, conseguimos perceber que o mobiliário e a decoração são também aspetos tidos em conta neste projeto, essencialmente na sala de jantar e nos espaços de estar, pormenor que se acredita que venha de encontro a uma preocupação desenvolvida em prol da tentativa de criação de uma atmosfera mais familiar e, portanto, menos tradicional e institucional como os arquitetos referem que defendem neste projeto.

Por sua vez, a segurança também é um aspeto tido em conta sendo perceptível, antes de mais, a instalação de corrimãos pelo menos no corredor dos quartos (*figura 16*). No entanto, mais importante ainda é, apesar da presença de inclinação no terreno, o edifício ter sido implantado essencialmente todo à mesma cota, ou seja, de nível, o que vem facilitar e melhorar as condições em termos de mobilidade. Para além disso, e não menos relevante, a zona da entrada foi também planeada de forma a não ser facilmente visível do interior do edifício (também perceptível na *figura 14*), evitando e controlando assim tentativas de saída por parte dos utentes (Curtis, 2011).



Figura 17 – Bastide, local central e de receção / Alzheimer's Village [11h45]

Figura 18 – Restaurante/café com bastide atrás / Alzheimer's Village [11h45]

3.3. Alzheimer's Village / NORD Architects

O projeto Alzheimer's Village, ou Village Landais Alzheimer, consiste numa aldeia localizada em Dax, França, desenhada especialmente para pessoas com Alzheimer e Demência. Da autoria do escritório NORD Architects em colaboração com a equipa Champagnat & Grégoire Architects, este projeto, concluído em 2020, põe-nos perante uma renovação das tradicionais casas de saúde, o primeiro projeto deste género a ser executado no país. Este é um exemplo de arquitetura terapêutica em que o foco é melhorar a qualidade de vida dos residentes ao permitir que estes mantenham ao máximo a sua independência, sendo para isso remetidos a diversas atividades quotidianas, através da oferta de um vasto programa (NORD Architects, n.d.).

Tendo em conta o estudo do impacto do ambiente construído nas pessoas com demência, os arquitetos começaram por analisar as cidades próximas ao seu local de intervenção, na procura de elementos familiares e reconhecíveis que trouxessem ao complexo uma sensação de lar (Arquitectura Viva, n.d.).

“The idea of creating an environment that the users can recognise led us to a contextual analysis of the nearby villages, where we experienced the arch motive is recurring motive in the old town squares in a typology called a 'bastide' (...) The choice of materials can underline the idea of the recognisable environment, so we again looked at the local materials that the future residents would be used to in their own homes” (Gregersen apud Astbury, 2023).

Este projeto é então inspirado na arquitetura tradicional de *Landes* quer em termos de cores e materiais como também de espécies locais (Village Landais Henri Emmanuelli, n.d.).

Aqui a vida organiza-se, portanto, em torno da *bastide* (figura 17), local central e de receção, onde encontramos vários serviços considerados necessários a um dia-a-dia normal. Como dito inicialmente, este projeto incorpora um grande leque de espaços, os quais, vêm permitir o entretenimento dos idosos na realização de atividades quotidianas. Assim, estes podem usufruir de um café/restaurante (figura 18), uma mercearia, cabeleireiro, mediateca, sala de atividades, de um auditório aberto ao público, espaços médicos (como farmácia, enfermaria e fisioterapia) e espaços sensoriais (Village Landais Henri Emmanuelli, n.d.).

Para além desta parte do programa de cariz mais público, são também implantados, no meio da massa arbórea, quatro núcleos habitacionais (Chalosse, Atlantic Coast, Bas-Armagnac e Haute Lande) os quais, por sua vez, acomodam quatro casas, as unidades.

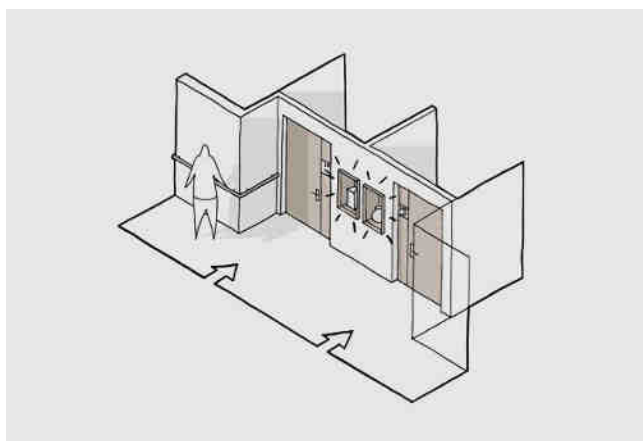


Figura 19 – Diagrama representativo dos nichos / Alzheimer's Village [autor desconhecido]

Figura 20 – A grande presença da natureza / Alzheimer's Village [11h45]

Segundo o site dos NORD Architects, preparadas para acomodar sete a oito moradores e respeitar a sua autonomia e privacidade, bem como os seus diferentes estilos de vida, cada habitação dispõe de sala de estar, sala de jantar, cozinha, terraço e quartos individuais espaçosos equipados com mesas, cadeirões, televisões e uma casa de banho privativa. Com o intuito de ajudar os utentes a reconhecer o seu quarto, são ainda criados nichos ao lado de cada porta, de igual forma ao que está representado na *figura 19*, para a colocação de objetos pessoais (Village Landais Henri Emmanuelli, n.d.). Para além disso, através de plantas é também perceptível, em todas as habitações, a existência de uma casa de banho de serviço e de uma lavandaria, assim como é de salientar a acessibilidade ao exterior tanto através das zonas íntimas como das zonas comuns.

Como visto anteriormente, foi tido por parte dos arquitetos um cuidado especial a nível urbano, no entanto, é também de destacar o papel fundamental da natureza (fig. 19) neste projeto com a presença logo à primeira vista de lagos, massas arbóreas e jardins a rodear os edifícios (Astbury, 2023). Dentro dos cinco hectares de parque paisagístico, onde encontramos também uma horta comunitária e uma pequena quinta com animais, a escolha das plantas foi seletiva e pensada para estimular os sentidos e auxiliar os moradores a se localizarem espaço-temporalmente (Village Landais Henri Emmanuelli, n.d.).

Na ligação dos espaços, temos a presença de dois tipos de trajeto, o caminho principal a fazer uma ligação direta entre o centro (*bastide*) e os núcleos habitacionais, e um caminho secundário que, baseado em formas irregulares, leva-nos a um passeio pela vila. Pensando na problemática de orientação e vontade de deambular, os arquitetos, para além de terem o cuidado de evitar trajetos sem saída, fizeram ainda questão de aplicar nos pavimentos materiais distintos conforme a sua função. Desta forma, e como podemos comprovar pela *figura 18*, sobre o jardim, encontramos caminhos em gravilha, e a marcar as áreas de estar/atividades temos lajetas de betão (Atciyurt, 2023: 42). Na mesma linha de pensamento, sabemos ainda da aplicação de cores com a intenção de atrair/repulsar os indivíduos de um lugar específico consoante o necessário e o pretendido (Village Landais Henri Emmanuelli, n.d.), no entanto não se conseguiu obter mais informação acerca deste aspeto.

Por último, a grande liberdade que este lugar fornece aos residentes é acompanhada por uma segurança garantida através de uma vedação a qual, encontrando-se nos limites do terreno, não aparenta ter um fecho restrito e enclausurado em si. De igual forma, foi também possível perceber a partir da observação de fotografias, a existência de corrimãos, um mobiliário essencial no auxílio da locomoção dos utentes perante a inexistência de outras ferramentas.



*Figura 21 – Caráter habitacional e quotidiano / Carpe Diem
Dementia Village [Benjamim A. Ward]*

*Figura 22 – Acabamentos das fachadas e marcadores
orientadores / Carpe Diem Dementia Village [Inger Marie Grini]*

3.4. Carpe Diem Dementia Village / Nordic Office of Architecture

“When we started Nordic – Office of Architecture we made a health department – division and we said that one of our goals is to try to make a difference in the architecture and planning for dementia issues which is absolutely one of the ways to make change. We have been doing hospitals and nursing homes for many years and just by doing this project we could learn something about a different approach” (Open House OSLO, 2022). – Johannes Eggen (arquiteto no MNLA e sócio sénior dos Nordic Office of Architecture)

Concebida com o objetivo de proporcionar às pessoas que sofrem de demência uma vida normal e integrada na sociedade com acesso aos cuidados necessários provenientes da doença, a Carpe Diem Dementia Village dos Nordic Office of Architecture, constitui um projeto que, começado em 2017 e concluído em 2020, é composto por unidades comuns de habitação e unidades de cuidado intensivo centrado na demência (Nordic Office of Architecture, n.d.). Esta vila, localizada na Noruega e inspirada na Village ‘De Hogeweyk’, é composta por edifícios e espaços exteriores projetados para ajudar os moradores a aumentar a sua atividade e dominar o seu quotidiano, deixando de lado o tradicional caráter institucional e impessoal, algo perçível na *figura 21* e *figura 22* (Nordic Office of Architecture, 2021). Segundo Anne Grete Normann, manager da vila, aqui a grande diferença, perante outras residências e casas de saúde, rege-se na abertura e convite à sociedade local a entrar e vivenciar a vila, a qual, não se tratando de uma entidade fechada, acaba por permitir aos moradores a socialização com diversas pessoas de fora deste mundo. A mesma revela ainda, que há um enorme foco na criação de uma atmosfera familiar, sendo aqui adquirida uma sensação de vida quotidiana (Normann, 2022). As pessoas de fora, para além de visitar, podem também vir aqui almoçar, participar em eventos, ou até mesmo utilizar e apenas usufruir dos espaços exteriores (Schei, 2022).

“I’ve been here for a couple of months now and I’m still surprised over finding both architecture and solutions to a lot of practical problems which is built into the whole area. It’s just like a big family. It’s not the stiff kind of feeling like some hospitals have where they try to steal into what you do. But here you feel free to do – not what you want, but within the rules we are free to go outside, to eat, we have various places we can go and rest” (Open House OSLO, 2022). – Hans Trygve Eggen (residente)



Figura 23 – Sala de jantar e cozinha de uma unidade / Carpe Diem Dementia Village [Inger Marie Grini]

Figura 24 – Corredor com marcadores dos espaços / Carpe Diem Dementia Village [Inger Marie Grini]

Estando este projeto inserido num meio urbano já estabelecido, a escolha dos materiais é consequência da integração do projeto no contexto de manter o caráter da zona.

Desta forma, as fachadas revelam dois acabamentos, um de tijolo claro e outro de tijolo não tratado (*figura 22*), procurando uma variedade e, assim, por sua vez, um caráter mais natural e caseiro (Sanzhez, 2023: 23). No entanto, é possível observar ainda, através de imagens do projeto (*figura 21*), a presença da madeira nas fachadas a qual, representada também em tons diferentes, vem contribuir para esta diversidade. Tendo, portanto, como objetivo a criação de um ambiente familiar, onde haja a predominância de uma atmosfera acolhedora e confortável, as habitações são construídas à semelhança de uma habitação própria (*figura 23*), onde cada unidade é composta por, para além dos quartos, uma sala de estar, cozinha e casa de banho (Marx, 2023: 31). Por outro lado, esta vila compreende também, em semelhança aos restantes projetos apresentados anteriormente, um programa extenso, oferecendo diferentes áreas para atividades e serviços para usufruto dos moradores. Segundo Trude Schei, consultora do município de Baerum, aqui encontramos uma loja, um restaurante para toda a vizinhança, áreas para atividades como workshop de carpintaria, salas para hobbies e um pub. Para além disso, existe também uma secção direcionada para a saúde que oferece, por exemplo, entre vários serviços, espaços para a prática de exercício físico. Mesmo em questões de espaço exterior, este projeto não fica atrás, é garantida a ligação com a natureza através de vários jardins com distintas formas, desde uma pequena floresta a um jardim de cultivo (Schei, 2022).

O problema de orientação, refletido na dificuldade em reconhecer o lugar e encontrar o caminho pretendido, leva ainda à identificação dos espaços através de marcadores (*figura 22 e figura 24*) e elementos que possam ser facilmente e naturalmente reconhecíveis (Nordic Office of Architecture, 2021). Da mesma forma, a par da identidade única de cada entrada das unidades referida por Eggen (Open House OSLO, 2022), o caminho exterior que une o complexo inteiro é traçado de maneira a permitir que os idosos regressem a pontos familiares para eles identificáveis. Este percurso, para além de ser ainda sensorial dotado de variações táteis nas pedras e no pavimento, é provido também de aquecimento urbano para que possa ser usufruído durante todo o ano (Schei, 2022).

“I think is quite challenging to see where life actually brings us at the end. I’ve been now three times at Carpe Diem after it opened. I’m always happy when I’m leaving. Not because I’m proud of what we are doing. – Or maybe that in some way, but that’s not the most important. I met people. Happy people” (Open House OSLO, 2022). – Johannes Eggen

CAPÍTULO 4 - UMA REABILITAÇÃO PATRIMONIAL PARA UMA REABILITAÇÃO COGNITIVA

Embora com ainda muito pela frente, chegamos agora ao último capítulo, o qual será dedicado ao nosso caso de estudo. Assim, serão feitas, inicialmente, investigações sobre o Palacete, o lugar onde este se encontra inserido e a forma como se intercede sobre este, para depois ser apresentada a nossa proposta final e, portanto, posta em prática toda a pesquisa e análise efetuada ao longo desta dissertação.

Desta forma, e estando a Casa do Conde de S. Salvador inserida na malha urbana da cidade de Matosinhos, torna-se evidente a necessidade primária de efetuar um estudo sobre este local, inicialmente a uma escala mais alargada e de forma mais generalizada, procurando posteriormente restringir esta gradualmente à envolvente direta do nosso terreno, onde será realizada uma análise mais pormenorizada. Esta investigação serve não só para perceber a origem do Palacete assim como, se for o caso, avaliar o impacto do lugar e a sua história neste ou vice-versa. Conseguimos ainda, através desta, descobrir o que o tempo não nos deixa ver hoje em dia e assim adquirir um conhecimento mais completo e verdadeiro do que foi originalmente o nosso caso de estudo. Isto tudo, juntamente com análise da forma de intervir no património, revelará, por fim, informação e observações que serão decisivas na tomada de decisões na hora de projetar.



Figura 25 – Ponte Romana vista a partir de Matosinhos [autor desconhecido]

4.1. Enquadramento Geográfico e Histórico de Matosinhos

Matosinhos, localizado no litoral norte de Portugal, é um concelho pertencente ao distrito do Porto que, segundo o GEE, ocupa 62 km² de área e apresenta 176 617 habitantes (2022). Aqui a densidade populacional é de 2829,5 hab/km² e a população com mais de 65 anos representa 23,8 % (Gabinete de Estratégia e Estudos, n.d.: 3). Constituído atualmente por quatro freguesias, este território encontra-se limitado a norte por Vila do Conde, a nascente pela Maia, a sul pelo Porto e a poente pelo Oceano Atlântico, assumindo uma forte ligação ao Mar (Câmara Municipal de Matosinhos, n.d.: 4). *“O território de Matosinhos constituiu “sempre” um foco de atração e simultaneamente impulsionador da ação humana, quer pela sua posição geográfica, quer pelos seus recursos naturais”* (Câmara Municipal de Matosinhos, n.d.: 5).

Apesar da presença humana em Matosinhos remontar à época do Paleolítico, acredita-se que a fixação de população só se realizou posteriormente, no Neolítico, restando destas comunidades vestígios da cultura castreja. Já entre os séculos V e VIII, a par do que acontece no resto do país, os Suevos e Visigodos estabelecem-se aqui e, assim, vias e pontes do período da Romanização vêm estabelecer eixos de ligação promovendo o desenvolvimento do comércio e da agricultura, e, conseqüentemente, a definição e crescimento do concelho. Apesar de no século XIII existirem quase todos os aglomerados atuais, só no século XVIII se começa a definir a primeira forma urbana desta futura cidade. O núcleo principal divide-se aqui entre Matosinhos e Leça da Palmeira, o qual, fragmentado pelo Rio Leça, tem como única ligação a Ponte de Pedra, a qual, conhecida também como Ponte Romana ou Ponte dos 19 Arcos (*figura 25*), terá sido construída na época medieval. À exceção desta concentração nas margens justificada pelas atividades piscatórias, o território encontra-se organizado de forma dispersa. Através da construção de um porto de abrigo em 1775 e da conversão do Rio Leça à atividade portuária, os dois aglomerados começam a ganhar ainda mais força, levando Matosinhos a adquirir o estatuto de vila em 1853 e a lentamente definir-se como uma área urbana sazonal (Duarte, 2016: 18-21).

É construída a linha de caminho-de-ferro de S. Gens, com o intuito de auxiliar no transporte dos inertes necessários à obra do Porto de Leixões, o qual veio a ser finalizado, na sua primeira fase, em 1892. Acredita-se que seja aqui, no final do século XIX, que nasce, perto do atual Mercado Municipal de Matosinhos, a Casa do Conde, vindo assistir a uma época de grande desenvolvimento das infraestruturas, equipamentos e transportes, e conseqüentemente à melhoria das ligações ao Porto. Por sua vez, estes desenvolvimentos,



Figura 26 – Cartografia de 1942 / Matosinhos [adaptada da Câmara Municipal de Matosinhos]

Figura 27 – Cartografia de 1965 / Matosinhos [adaptada da Câmara Municipal de Matosinhos]

aliados à modernização e consequente processo de industrialização, vão fazer da zona sul alvo de crescimento e desenvolvimento de indústrias (Duarte, 2016: 22; Câmara Municipal de Matosinhos, 2017: 7). Em contrapartida, Leça vê a sua evolução associada a uma vocação como estância balnear, surgindo, em finais do século XIX, uma expansão urbana organizada numa malha ortogonal (Câmara Municipal de Matosinhos, 2017: 8).

A grande afluência de navios ao novo porto de abrigo leva à necessidade de transformar este num porto comercial e, assim, por conseguinte, à construção da Doca nº 1 entre 1932 e 1944. Por sua vez, a saturação desta, no pós-guerra, traz consigo a necessidade da construção da Doca nº 2, a qual, desenhada no plano de 1955, consolida a última fase do projeto e, portanto, a versão atual do Porto de Leixões. No entanto, a construção desta última vem destruir as duas frentes ribeirinhas e ainda a ponte românica até então existente (Câmara Municipal de Matosinhos, 2017: 10-11). É também de assinalar que, embora não haja datas nem fontes acerca deste acontecimento, comparando as cartografias apresentadas de 1942 (*figura 26*) e de 1965 (*figura 27*) conseguimos perceber um encurtamento significativo do nosso logradouro, o qual imagina-se ter sido consequência da construção da segunda doca.

Em 1948, quase todos os quarteirões do antigo Areal do Prado estavam já ocupados denunciando regra geral uma ocupação do quarteirão periférica. O encerramento, nas décadas seguintes, da linha férrea vem permitir a expansão de Matosinhos Sul até à circunvalação e assim completar o “parque industrial”. As vias mais importantes estavam já rasgadas e as ligações com as vias rápidas estabelecidas (Duarte, 2016: 48-50). No entanto, apesar da industrialização em Matosinhos ter conhecido o seu apogeu no século XX, é também nesta altura que se dá o seu declínio.

“A falta de peixe (como consequência da concorrência de mercados internacionais), a diminuição da procura do mercado das conservas (como consequência do final da guerra) e, ainda, os processos de produção atrasados e desactualizados que eram utilizados em Portugal, levaram a que o processo de industrialização estagnasse e posteriormente, entrasse em declínio” (Duarte, 2016: 50).

Várias fábricas foram, portanto, encerradas e abandonadas tornando Matosinhos Sul num espaço quase obsoleto e com marcas do processo de desindustrialização (Duarte, 2016: 52).

Em 1990 é publicado o PDM de Matosinhos, onde são estabelecidos objetivos de reconversão desta área, surgindo, da mesma forma, em 1999, o Plano de Urbanização de Matosinhos Sul de Álvaro Siza Vieira. Desde então, este concelho tem sido alvo de reconversão, reabilitação e, por sua vez, de um crescimento exponencial (Valente, 2014: 91).

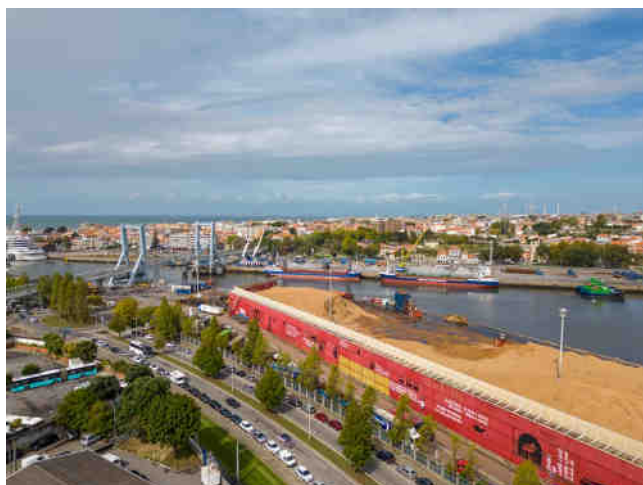


Figura 28 – Fotografias de parte da envolvente [Miguel Malheiro]

4.2. Análise do Lugar

No ponto anterior ficamos a conhecer, de forma ainda que sintetizada, a história do concelho de Matosinhos onde pudemos perceber os acontecimentos que vieram acompanhar a Casa do Conde de S. Salvador, assim como as modificações que não só a sua envolvente sofreu, mas também as de que o seu terreno foi alvo. Desta forma, e com este conhecimento geral já adquirido sobre o local que serve de berço para o nosso caso de estudo assim como a sua evolução, fazemos agora uma ampliação e voltamo-nos para uma envolvente intermédia para melhor analisarmos qual a situação atual em redor do Palacete e que influência esta estará a ter ou poderá vir a exercer neste. Em auxílio a esta investigação foram elaboradas, em trabalho de grupo, quatro plantas (Planta de Cheios e Vazios; Planta de Altimetrias; Planta de Usos; e Planta de Verdes) as quais nos ajudarão a refletir e obter uma crítica sobre cada um dos determinados aspetos e assim posteriormente adquirir as guias para a formulação dos nossos objetivos e estratégias (ponto 4.5.2.).

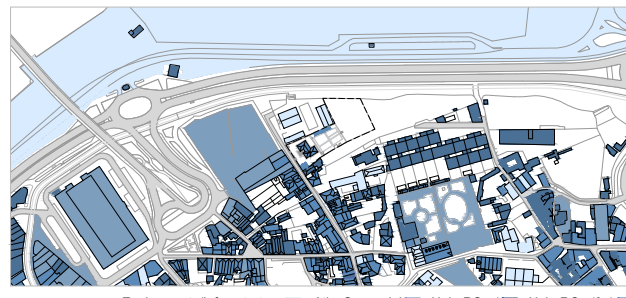
Começando por analisar a Planta de Cheios e Vazios (*figura 29*), é possível averiguar que a nossa área de intervenção se encontra localizada num lugar de charneira entre, a sul, uma elevada densidade de construção e, nas restantes direções, uma quase inexistência de edificação derivada da proximidade com o Porto de Leixões a norte (*figura 28*), a central de camionagem da STCP a poente e o vazio da frente urbana a nascente. De forma complementar e voltando a nossa atenção para a Planta de Usos (*figura 29*), podemos ainda acrescentar que a maioria desta, outrora mancha negra, se preenche agora de azuis com tonalidades mais escuras, tons estes escolhidos para representarem as habitações. Ou seja, estamos perante um programa predominantemente habitacional na zona sul/nascente (com edifícios do tipo moradia), e uma comercial e de equipamentos a norte/poente.

Tratando-se o nosso caso de estudo de uma Residência Sénior, e uma vez que esta secção não abrangia nenhum equipamento deste tipo, foi também avaliada, a par desta análise, a existência de lares de idosos assim como de centros de dia numa envolvente mais alargada. Desta forma, e deixando de parte a área correspondente a Leça da Palmeira, chegou-se à conclusão de que este programa não se encontra muito presente nesta área, uma vez que, a Associação dos Pescadores Aposentados de Matosinhos como uma estrutura residencial e centro de dia; o Lar Sant'Ana como estrutura residencial; e a Irmandade da Santa Casa Misericórdia como centro de dia para os idosos, são os únicos equipamentos deste género encontrados na área, estando a marcação destes evidente na Planta de Localização apresentada em anexo.



PLANTA CHEIOS E VAZIOS

Construção



PLANTA USOS Equipamento/Infraestrutura Ativ. Comercial Hab. RC +1 Hab. RC +(2+)



PLANTA ALTIMETRIAS 1 2 3 4 5 6 7+



PLANTA VERDES Área Verde Pública Área Verde Privada Hortas

Figura 29 – Plantas de análise da envolvente orientadas a norte
[adaptado de trabalho de grupo]

Por outro lado, e observando agora a Planta de Altimetrias (*figura 29*), conseguimos notar, na sua maioria, uma mancha castanho-escura, a qual evidencia a predominância de edifícios de um e dois pisos assim como alguma significância nos de três. Por sua vez, as construções com um maior número de andares encontram-se presentes apenas pontualmente pela envolvente do terreno e a uma distância maior do nosso Palacete. Ou seja, os seus apenas dois andares encontram-se bem inseridos na sua envolvente em termos altimétricos o que, neste caso, acaba por ser prejudicial pois, encontrando-se este numa rua sem saída e já longe dos olhos e do contacto com a população, a sua altimetria não vem colaborar também para o seu destaque.

Ainda dentro deste panorama, achou-se também necessário e importante referir que, através das curvas de nível, conseguimos detetar uma diferença de 12 metros entre a cota mais baixa e a mais alta desta área seccionada. Este crescimento de sentido Norte-Sul apresenta-se especialmente abrupto no contacto do terreno com a Avenida Eng. Duarte Pacheco, sendo o comprimento desta marcado pela presença contínua deste “muro” elevado. Tendo em conta os Perfis executados e apresentados em anexo, foi possível não só analisar melhor a topografia do lugar assim como comprovar o que foi dito anteriormente em relação às altimetrias. Ou seja, tendo em conta estes assim como o que foi referido anteriormente acerca das curvas de nível, conseguimos ainda acrescentar em relação à falta de destaque a problemática de que estando o Palacete localizado mais a norte em relação à maioria das construções e, portanto, implantado a uma cota inferior, a sua legibilidade vê-se ainda mais perdida, o que nos revela um problema essencial a resolver no momento de projetar. Por outro lado, e voltando agora a nossa atenção apenas para a área de intervenção, é ainda de realçar que o nosso terreno encontra-se dividido em três patamares, o primeiro ao nível do rés-do-chão da Casa, o segundo localizado meio metro abaixo e o terceiro um metro abaixo do segundo, sendo estes dois últimos marcados por uma ligeira inclinação, totalizando a diferença de cotas atual do nosso terreno em cerca de três metros e meio.

Por sua vez e para finalizar esta análise, através da Planta de Verdes (*figura 29*), conseguimos reparar que a circundar as vias principais encontramos pavimentos ajardinados públicos enquanto que, no perímetro das construções deparamo-nos com jardins privados, no entanto, apesar das várias manchas verdes que compõe o desenho e das manchas bege que dizem respeito aos campos agrícolas, é notável, perante a falta de um parque urbano ou jardim público, a carência de espaços comuns verdes com a finalidade de uma ocupação para lazer, estar e passear.



Figura 30 – Fotografia aérea da cobertura [Miguel Malheiro]

Figura 31 – Fotografia da fachada principal [Miguel Malheiro]

4.3. A Casa do Conde de S. Salvador

Classificado como monumento de interesse municipal, a Casa do Conde de São Salvador em Matosinhos (*figura 30 e figura 31*) consiste, apesar do seu pouco conhecimento, numa arquitetura residencial com interesse histórico, arquitetónico, artístico e social. Segundo os documentos disponibilizados pela Câmara de Matosinhos, este edifício apresenta traços de uma arquitetura neoclássica portuguesa, simples e simétrica com uma decoração característica da arquitetura das Casas de Brasileiro. No entanto, para melhor percebermos a sua origem e as suas características torna-se conveniente perceber, antes de mais, do que se trata esta arquitetura por último referida.

Em busca de enriquecer e alcançar um maior estatuto, era comum a partir do século XVIII, a emigração de portugueses para o Brasil. No entanto, por volta de 1830-1850, as revoltas populares e o anti lusitanismo vieram provocar o seu regresso a Portugal ficando por isso conhecidos como brasileiros de torna-viagem. Estes, perante vários feitos, foram desencadeadores de um desenvolvimento do tecido urbano, na medida em que adquiriram e recuperaram construções em estado de decadência, edificaram prédios e bairros e mandaram ainda construir palacetes e casas próprias com o objetivo de evidenciar o seu estatuto económico e social (Cardoso, 2020: 15-17). Ora o nosso Palacete insere-se nesta última categoria, uma vez que, segundo os documentos disponibilizados pela Câmara, João José dos Reis Júnior, filho do 1º Conde de Matosinhos, nasce no Rio de Janeiro a 1846 vivendo aí longos anos para, em 1891, se vir fixar em Portugal, tendo tido como sua residência principal uma casa em Lisboa e como residência balnear o palacete em Matosinhos, edificado no antigo largo do Areal, atual Rua Conde Alto Mearim. *“Nesta lógica, as Casas dos Brasileiros vão ser grandiosas, exuberantes, de grande ostentação e originalidade e deter o conceito de arquitetura de vilegiatura”* (Cardoso, 2020: 17). É então usada uma ornamentação elaborada privilegiando o uso do ferro forjado e fundido nas varandas, portões, grades e peitoris das janelas e o uso do azulejo a cobrir a maioria das fachadas. O seu desejo pelo ócio e natureza reflete-se também nos exuberantes jardins quer interiores, com os seus jardins de inverno, quer exteriores com a sua variedade exótica. Os tetos eram trabalhados com estuques e pinturas de motivos florais, folhagens e natureza-morta e as paredes decoradas com escaiola ou pintadas em cores fortes, no caso dos espaços sociais, e cores claras nos espaços privados.

Estas são algumas características representativas deste “estilo” que, podendo também ser encontradas no nosso caso de estudo (*figura 30*), representam um género de arquitetura

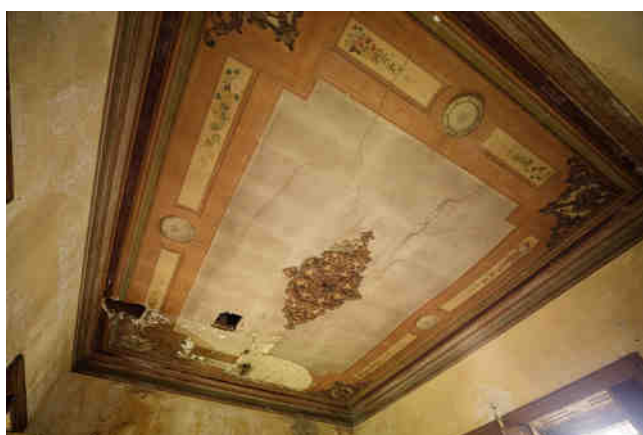


*Figura 32 – Friso ornamental e estrutura em ferro forjado
[Miguel Malheiro]*

*Figura 33 – Teto ornamentado com motivos vegetais e florais
[Miguel Malheiro]*

que faz parte do património arquitetónico do país, essencialmente do Norte, contando, portanto, uma parte da história de Portugal (Cardoso, 2020: 17-23), sendo, por isto, e pelo valor da memória do seu proprietário, pela singularidade da sua arquitetura e pelo seu estado de degradação (que põe em causa o seu risco de perda) de realçar a necessidade da sua reabilitação e manutenção.

4.3.1. Valores e Programa

Como dito anteriormente, com os seus traços de uma arquitetura neoclássica portuguesa simples e simétrica e com a sua decoração característica esta casa apresenta um grande interesse quer histórico e arquitetónico como artístico e social.

Avaliando inicialmente do ponto de vista exterior, o edifício assinala-se perante as restantes construções não só pela sua configuração distinta, e as suas fachadas revestidas a azulejo e molduras em pedra, como pudemos ver na *figura 31*, como também pelo friso ornamental com motivos florais pintadas à mão, a sua escada "escultural" e principalmente pelo exuberante jardim de inverno em ferro forjado com vitrais coloridos (*figura 32*). Por outro lado, no seu interior, encontramos três tipos de pavimentos trabalhados, algumas paredes com acabamento em escaiola assim como em azulejo ornamentado e tetos decorados com motivos vegetais e florais (*figura 33*). São ainda de salientar, os seus característicos lambrins, caixilharias e portadas em madeira assim como as telhas pintadas à mão. É, portanto, uma casa cheia de elementos caracterizadores.

No entanto, este Palacete pode diferenciar-se também pelo seu programa pois apesar de estarmos perante uma habitação e os espaços que o compõem não representarem grandes surpresas, a sua organização interior e o número de áreas podem ser identificadores. Assim, no primeiro piso, temos três quartos (um deles com closet), um sanitário, uma cozinha, uma sala de jantar e dois espaços que se acredita serem de arrumos enquanto no segundo andar encontramos a sala de estar com ligação ao jardim de inverno, três quartos, um closet, uma casa de banho distribuída em duas divisões e um espaço que se acredita ser de arrecadação e ligação ao telhado. Ou seja, conseguimos compreender que o piso inferior funciona mais como zona de serviço em contrapartida ao superior onde os espaços são mais nobres.

Ainda se pode realçar o atual grande, e outrora ainda maior (como foi referido no contexto geográfico e histórico), logradouro que acompanha o nosso objeto de estudo. Este, para além de um jardim atualmente inexistente com anteriores canteiros geometricamente definidos, engloba também vários anexos que teriam provavelmente uma função meramente



Figura 34 – Telhas partidas e deslocadas [Miguel Malheiro]

Figura 35 – Colapso do teto, acumulação de lixo, portas danificadas e graffiti [Miguel Malheiro]

de arrumação e apoio ao exterior assim como um volume a ocupar parcialmente a frente da casa que serviria de garagem. No exterior encontramos ainda vários elementos arbóreos, sendo de realçar a palmeira que se encontra numa das laterais do nosso Palacete.

4.3.2. Diagnóstico do Estado de Conservação

As construções, de maneira geral, estão sujeitas a diversas ações que provocam a degradação das mesmas, revelando-se necessário *“avaliar o tipo e o nível de deterioração dos elementos construtivos e identificar as suas causas, do modo a poder proceder à reabilitação e a evitar, se possível, a progressão dessas anomalias”* (Ferreira, 2010: i). Ora o nosso edifício em estudo encontra-se em estado de ruína uma vez que já não reúne as condições necessárias para desempenhar a sua função inicial de habitação devido à degradação de diversas partes como cobertura, paredes e pavimentos. O palacete encontra-se, portanto, comprometido a nível funcional, estrutural e estético e o seu estado de conservação coloca em perigo a sua envolvente construtiva com risco de colapso estrutural, perda cultural e perigo físico dos utentes.

Dada a dificuldade de uma causa única tendo em conta a grande variedade de elementos degradados e agentes possíveis na origem desta deterioração, *“identificar corretamente as causas só será possível após a realização de inspeções e diagnósticos completos e adequados, executados por técnicos experientes”* (Leitão, et al., 2004 *apud* Ferreira, 2010: 15), no entanto, é possível perceber que na origem deste estado estiveram várias causas quer naturais quer humanas. De forma geral, encontramos à primeira vista a fratura e deslocamento de algumas telhas (*figura 34*), as quais vieram permitir a entrada de chuva dentro do edifício e o consequente apodrecimento dos materiais; a presença animal; a acumulação de vegetação (especialmente no pavimento do jardim de inverno); e a densidade desta última por todo o terreno a favorecer mais ainda o envelhecimento e deterioração do local. Por outro lado, encontramos também no seu interior (*figura 35*) acumulação de lixo, graffiti's um pouco por todo o edifício, colapso dos tetos em ambos os pisos, caixilharias de portas e janelas danificadas e vidros partidos ou até mesmo inexistentes. Estão também presentes degradações do reboco, lambrins e azulejos, quer das paredes como dos pavimentos, e a estrutura superior do jardim de inverno encontra-se já quase impercetível.

Estes aspetos referidos anteriormente, assim como muitos outros que aqui podemos encontrar, retratam o resultado, antes de qualquer outro agente, do abandono total e consecutivo deste espaço.



Figura 36 – Livro *La restauracion objetiva* [Moreno-Navarro]

4.4. Intervenção no Património

Estando nós perante uma intervenção num edifício considerado património municipal cabe-nos, antes de partir para a execução desta, investigar de que maneira se deve interceder perante um edifício deste cariz. Segundo Navarro,

“el fin genérico último de la restauración monumental no es tanto acrecentar el monumento en el que se actúa, como obtener un beneficio (social, cultural o emotivo) para el entorno humano de ese monumento, entorno que, según los casos, comprende desde la comunidad vinculada directamente al monumento, hasta toda la humanidad” (Moreno-Navarro, 1999: 30).

Este, na sua obra (figura 36) *La restauración objetiva* (1999) revela ainda que para alcançar este objetivo o restauro tem de ter como propósito a proteção dos três valores essenciais do monumento, o valor documental, o arquitetónico e o significativo. De forma geral, o autor pretende dizer que, no caso da proteção do valor documental os dados e testemunhos históricos devem ser, para além de conhecidos e preservados de maneira a comprovar e evocar o passado, evidenciados e tornados compreensíveis para o público-alvo. Por outro lado, a proteção do valor arquitetónico, deve passar por manter e, se possível, valorizar as características definidoras da sua arquitetura como a sua beleza formal e espacial, a sua racionalidade construtiva, o papel emergencial no tecido urbano do território e a satisfação efetiva do seu uso, para além da conservação dos seus valores artísticos e seus papéis/funções arquitetónicas. Por último, em relação ao valor significativo, o autor refere que com a restauração devemos valorizar e/ou devolver o significado coletivo do monumento, isto é o benefício que este tem para o ambiente humano, não só o referente ao passado, mas também o atual (Moreno-Navarro, 1999: 30-35).

4.4.1. Metodologias de Intervenção: Teoria de Valores

Conseguimos de maneira geral perceber que a conservação do património consiste numa intervenção exigente ao nível da salvaguarda e valorização das características e história que o edifício acarreta, tornando-se essencial estudar qual o método a seguir, ou seja, quais as etapas e ações necessárias a ter em conta para alcançar esses objetivos corretamente e eficazmente, coisa que Navarro, após explicar os objetivos do restauro monumental, estabelece e esclarece também no seu livro *La restauración objetiva* (1999).

Portanto, segundo este autor, existem quatro etapas fundamentais. A primeira etapa passa por conhecer e compreender o objeto de estudo e as circunstâncias que o rodeiam sendo para isso necessário, segundo este, recorrer a duas fases, o pré-diagnóstico onde se pondera perante os recursos e informação já adquiridos e conhecidos previamente e onde se determinam também os estudos a realizar na seguinte fase, a qual, correspondendo ao diagnóstico, diz respeito ao desenvolvimento destes permitindo-nos obter conhecimento e consequentemente diagnosticar com precisão os seus problemas para posteriormente solucionar estes através das respetivas propostas (Moreno-Navarro, 1999: 39-40). Esta etapa diz então respeito à análise realizada aqui anteriormente, a qual compreende o enquadramento geográfico e histórico, a análise do lugar, a Casa, os seus valores, programa e estado de conservação.

Por sua vez, a segunda etapa diz respeito a um momento refletivo onde são tidos em conta os conhecimentos adquiridos na análise efetuada e onde através desta são determinados os objetivos, as propostas gerais e os critérios de ação posterior, ou seja, esta é composta também por duas fases. A primeira, de avaliação do objeto, é onde se ratifica o interesse deste e onde são definidos os seus aspetos essenciais. Já a segunda, de programação da ação subsequente, representa a tomada de decisões e definição dos critérios de atuação (Moreno-Navarro, 1999: 54-55).

A terceira etapa, referente à fase de intervenção, é composta por quatro fases, sendo a primeira destas a nossa última quer em termos práticos quer em termos de elaboração desta dissertação. Chega, portanto, agora o momento de projetar e de pôr em aplicação todos os resultados obtidos através do estudo efetuado. No entanto é de referir que, no caso de não estarmos a realizar um exercício académico, mas sim num desempenho real, este processo continua para mais três fases, a de execução, a de acompanhamento e a de participação, sendo também ainda aconselhada uma última etapa referente a uma conservação de manutenção preventiva (Moreno-Navarro, 1999: 79-102).

4.4.2. Reabilitação

Na abordagem anterior utilizamos, tal como o autor Moreno-Navarro, o termo conservação (*restauración* em castelhano) para definir uma qualquer intervenção no património arquitetónico que tivesse como objetivo garantir ou melhorar o estado de conservação e utilização do edifício não prejudicando durante este processo os valores essenciais deste. No entanto, segundo o mesmo autor, este termo tem vindo cada vez mais a

ser substituído por outros idênticos tendo em atenção o tipo de objeto que estamos a tratar e a natureza desta ação. Assim, quando se fala de património construído, e não monumental, foi definido na Carta Europeia do Património Arquitetónico (Conselho da Europa, 1975) e na Resolução 76 (28), para resolver o problema da intervenção sobre edifícios correntes que, do ponto de vista da conservação, não podiam ser encarados como monumentos, surgindo o termo reabilitação, com as mesmas características do termo conservação. No nosso caso, e estando nós perante um exercício sobre um edifício que não é monumento, vamo-nos centrar no termo reabilitação e perceber de que se trata este tipo de intervenção em concreto (Ordem dos Arquitetos, 2018: 1).

Segundo o CPA (Colégio Património Arquitetónico), a reabilitação consiste numa *“intervenção integrada de adaptação de uma construção ou sítio com o objetivo de permitir a sua utilização, que procura melhorar os seus níveis de desempenho e implica a preservação dos valores com significado cultural nele existentes”* (Ordem dos Arquitetos, 2018: 1), tratando-se o termo “significado cultural” de uma interpretação menos restrita de valor que, para além da importância estética e técnica, pode incluir também a histórica, científica, social ou espiritual (Ordem dos Arquitetos, 2018: 1). No entanto, apesar da reabilitação vir devolver a capacidade de ser utilizável, ou seja, tornar o objeto, lugar ou conjunto novamente funcional, esta pode ser também provocadora de uma carga adicional quando se trata de uma proteção patrimonial com a necessidade de satisfazer as exigências funcionais técnicas atuais (Ordem dos Arquitetos, 2003: 28).

4.4.2.1. Materialidade

Investigamos até ao momento a questão da intervenção no património e os métodos a realizar na sua conservação, assim como apresentamos também o conceito de reabilitação e o seu objetivo. Contudo, encontra-se ainda em falta abordar e compreender em que consiste realmente este património que vamos reabilitar, sendo para isso usado como referência o livro (figura 37) *Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais* (2016).

Como está definido na *Carta de Cracóvia 2000 – Princípios para a conservação e o restauro do património construído*, o património consiste num *“conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização do património é, assim, um processo relacionado com a selecção de valores”* (Barranha, 2016: 26). Por sua vez, segundo a UNESCO, o património cultural *“pode ser definido como um conjunto de sinais materiais*

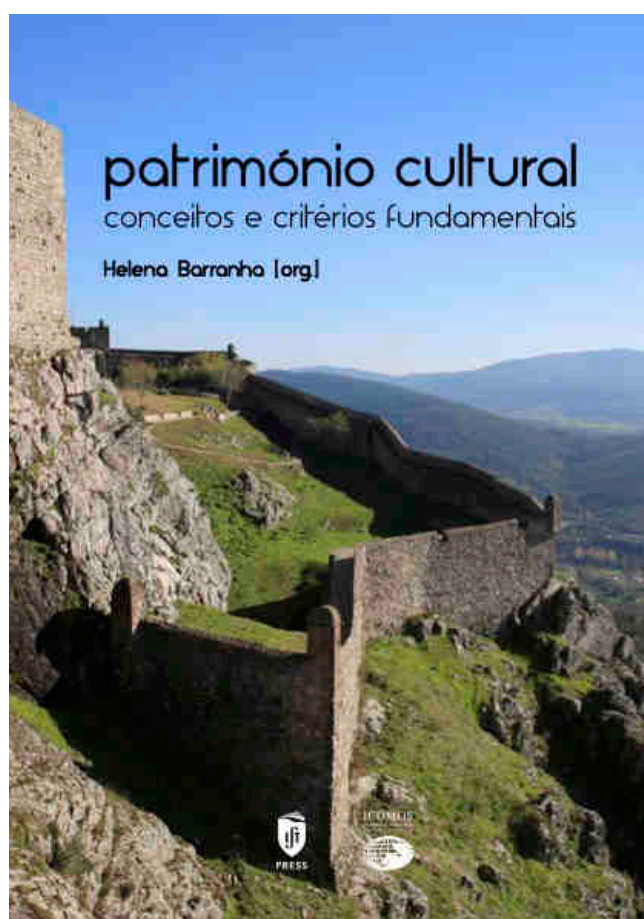


Figura 37 – Livro Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais [Helena Barranha]

– tanto artísticos como simbólicos – transmitidos pelo passado a cada cultura e, portanto, a toda a humanidade. [...]” (UNESCO, 1989 *apud* Barranha, 2016: 28). É de acrescentar ainda que, como está registado no Artigo 2º da Lei 107/2001 de 8 de setembro, o património cultural integra “*todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial protecção e valorização*” (Barranha, 2016: 29).

Estas definições, apresentadas tornam-se então essenciais para conseguirmos atingir o objetivo deste ponto, o qual reside na abordagem da questão da materialidade, mais precisamente e, como Barranha refere, o património material e imaterial. Começando por património material, a autora faz então uma divisão deste primeiro conceito em património construído/imóvel e património móvel, estes últimos, como as palavras próprias indicam, dizem ambos respeito a elementos físicos que diferem entre si à primeira vista pela capacidade de serem transportados. Assim, apesar do património construído poder incluir também elementos móveis, decorativos e as envolventes do objeto, este abrange, de forma sintetizada, monumentos, conjuntos arquitetónicos e sítios construídos. Por sua vez, o móvel, diz respeito a objetos ou obras de arte (European Heritage Network, n.d. *apud* Barranha, 2016: 31-32) ou seja, bens que, segundo o Artigo 55º da Lei 107/2001 de 8 de setembro, apresentem especial interesse para o estudo e compreensão da civilização e cultura portuguesa, sendo exemplo disso, selos e moedas antigas, fotografias, todo o tipo de obras de arte, etc. (UNESCO, 2008 *apud* Barranha, 2016: 32). Em contrapartida, o património cultural imaterial, é composto por, segundo a UNESCO, “*práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências [...] que as comunidades, grupos, e eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural*. Este manifesta-se em: a) *tradições e expressões orais [...]; b) artes do espetáculo; c) práticas sociais, rituais e actos festivos; d) conhecimentos e usos relacionados com a natureza e universo; e) técnicas artesanais tradicionais*” (UNESCO, 2003 *apud* Barranha, 2016: 34).

Conseguimos assim perceber que a componente imaterial do património diz respeito aos valores humanos que se encontram agarrados à componente material. Desta forma, esta última, é, por representar o grande motivo que nos leva a preservar as suas características e elementos físicos, o aspeto mais importante a ter em conta no ato de reabilitação uma vez que, sem os seus valores de memória, antiguidade, autenticidade, singularidade e exemplaridade, a Casa do Conde de São Salvador e os seus elementos integrantes perderiam a sua significância tornando-se, portanto, redundantes.

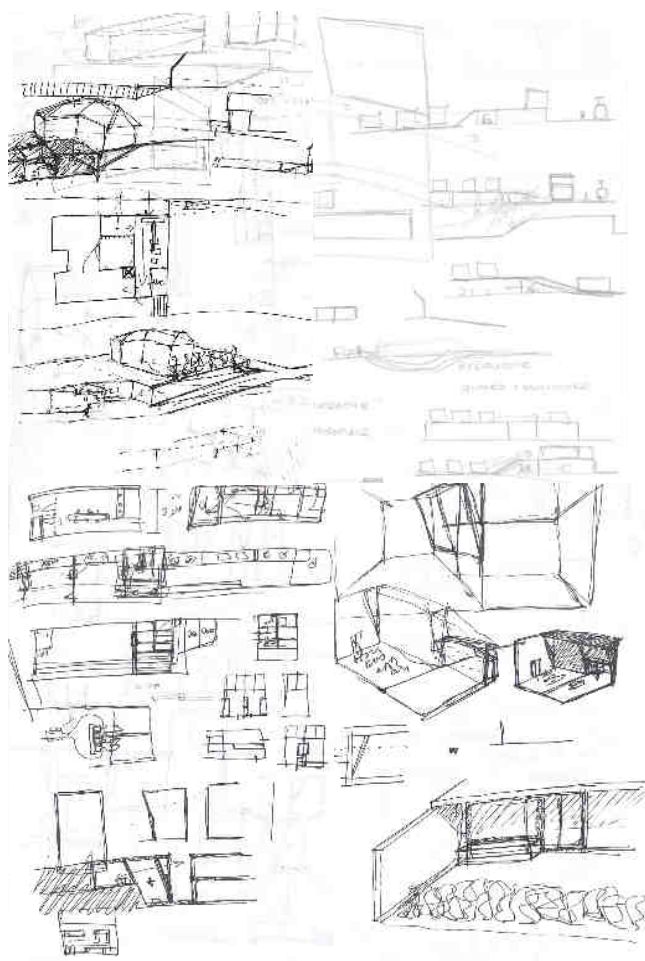


Figura 38 – Alguns esboços elaborados ao longo do trabalho

4.5. Residência Sênior Especializada em Alzheimer

Uma vez recolhida a base teórica fundamental para o conhecimento quer do objeto que vamos tratar quer da natureza deste, chega agora a altura de “meter mãos à obra” e aplicar os estudos realizados na prática para a concessão do projeto de um equipamento que que transporta em si a complexidade de criar um ambiente rico em estímulos e ao mesmo tempo de materializar uma habitação para um público-alvo específico com a suas características particulares provenientes da doença, isto tudo aplicado tanto à edificação de um objeto novo como à reabilitação de uma casa patrimonial protetora de uma história rica em singulares atributos. Assim, através de características e elementos arquitetónicos produtores de um ambiente estimulante, procura-se projetar uma Residência Sênior capaz de promover, através da sua arquitetura, a independência do indivíduo com Alzheimer minimizando o impacto dos efeitos típicos da doença e consequentemente melhorando a qualidade de vida deste.

4.5.1. Metodologia de Intervenção

No subcapítulo anterior, investigamos sobre as etapas a efetuar num processo de conservação do património onde aprendemos, de maneira geral, a efetuar, antes do momento de projetar, planeamentos, levantamentos e reflexões obtendo a partir destes diretrizes tanto para a formulação de repostas aos problemas encontrados como para evidenciar os elementos caracterizadores da história do lugar e do objeto. Ora a metodologia de intervenção para o restante desenvolver do trabalho é bastante similar a este processo outrora avaliado.

Desta forma, após os estudos dos documentos disponibilizados e dos levantamentos realizados no próprio terreno, onde foi adquirida informação pertinente e orientadora sobre a história, o lugar e o objeto, procedeu-se numa primeira fase, e em trabalho de equipa, ao desenho das peças gráficas e volumétricas necessárias à compreensão da situação atual do edifício em estudo e seu logradouro. Após a finalização destes e avaliação dos mesmos, deu-se início, e já de uma forma individual, à elaboração de estratégias e ações que vêm, como inicialmente foi referido, solucionar os problemas encontrados e evidenciar os valores apontados. Simultaneamente, realizou-se uma pesquisa na área das residências sêniores e lares de idosos com o intuito de perceber o programa base e normas habituais deste tipo de equipamentos, sendo o nosso programa posteriormente elaborado com apoio no despacho

normativo nº 67/2012, de onde foram retiradas as áreas mínimas e espaços obrigatórios a compreender num edifício deste carácter.

É apenas aqui, concluída a primeira etapa de investigação, diagnóstico, reflexão e planeamento, que passamos para o papel e nos deparamos logo com uma questão primordial a resolver, a previsão detetada no PDM de Matosinhos (planta de ordenamento – classificação e qualificação do solo) de abertura de uma via que fazendo continuidade de uma já existente na frente das Casas Pátio de Souto de Moura, vem atravessar a nossa área de intervenção e assim criar uma dificuldade acrescida inicial. No entanto, resolvida a questão urbana que vem não só acrescentar uma nova rua à cidade como também requalificar esta zona, chega a hora a dar atenção à implantação do novo edifício e assim preencher o vazio do logradouro do antigo. É estudado o contacto do futuro volume com o Palacete e com as ruas que o rodeiam e avaliados os diferentes níveis altimétricos do terreno, surgindo uma solução com base no projeto Lar Casa de Magalhães de Carvalho Araújo. Foi ainda tido em conta o projeto das Casas Pátio do arquiteto Souto de Moura em termos de alinhamentos e configuração do volume.

Por fim, é feita a interligação do programa geral previamente já estabelecido com a implantação ainda crua e suscetível de mudanças e adaptações. Estamos perante o momento de esboçar, desenhar e redesenhar na tentativa do encontro de uma solução cada vez melhor.

4.5.2. Estratégia e Ações

Como referido anteriormente, numa fase intermédia entre a execução do diagnóstico e a elaboração dos primeiros esboços, foi dedicado tempo à reflexão e planeamento de estratégias e respetivas ações a tomar na procura de soluções para as problemáticas, questões e valores encontrados. Sabemos que o objetivo principal do projeto corresponde ao alcance da máxima autonomia dos sujeitos com Alzheimer, no entanto, na procura de realização deste e de outros objetivos que visam melhorar diversos aspetos torna-se necessário traçar um plano que passa por várias atuações desde um pensamento geral em termos de questões urbanas até questões específicas e pormenorizadas de decoração interior. É especialmente nesta fase que foi tida em conta e, portanto, aplicada a informação recolhida da análise aos casos de estudo. Passo, desta forma, a elencar, de seguida e de forma generalizada, as estratégias e respetivas ações tidas em conta previamente para a elaboração desta proposta (*tabela 2*).

ESTRATÉGIAS E AÇÕES

ESTRATÉGIAS	AÇÕES
Evidenciar o Palacete	<ul style="list-style-type: none">- Funcionalidade deste- Contacto deste com a nova construção- Acessos a este
Criação de um ambiente familiar	<ul style="list-style-type: none">- Programa habitacional- Escala dos espaços- Escolha dos materiais- Apropriação do Espaço
Promover a orientação autónoma	<ul style="list-style-type: none">- Escala e ambiente repetitivo- Funcionalidade dos espaços- Sinalização- Cheiros
Criação de segurança	<ul style="list-style-type: none">- Materialidade- Desníveis- Mobiliário
Promover um vasto programa	<ul style="list-style-type: none">- Oferta de serviços essenciais ao quotidiano normal- Favorecer o contacto com o exterior- Incentivo à realização de tarefas domésticas

Tabela 2 – Tabela de estratégias e ações elaborada

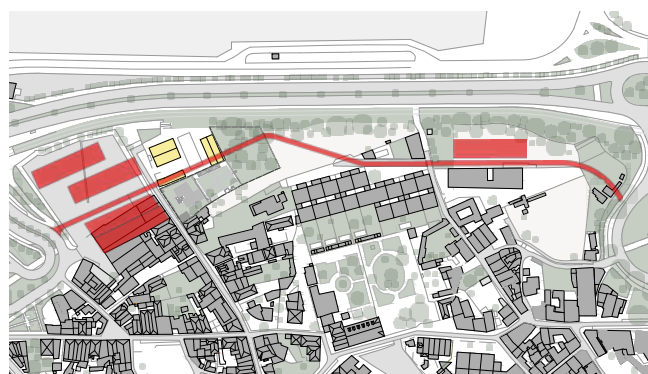


*Figura 39 – Planta de intervenção orientada a norte com
marcação de construção (vermelho) e demolição (amarelo)*

4.6. Uma Reabilitação Patrimonial para uma Reabilitação Cognitiva

Chegamos agora à última etapa quer do nosso projeto quer da nossa dissertação, o momento de materializar toda a teoria aqui discutida e consolidada, assim como toda a prática desenvolvida nestes cinco anos de formação. Embora tenham sido já anteriormente explicadas de maneira geral as medidas a serem tomadas, iremos agora ver como estas foram pormenorizadas, pensadas individualmente e registadas a nível de desenho. Para isso iremos dividir este subcapítulo por partes, ou seja, seguindo inicialmente o processo levado na jornada do projetar, começaremos por uma escala mais global respetiva à requalificação urbana e implantação do novo volume para depois fazermos uma aproximação e abordar os temas analisados nos capítulos anteriores nomeadamente o programa, ambiente familiar, orientação e segurança de maneira a perceber como foram aplicados na prática os conceitos estudados e de que maneira estes foram materializados.

REQUALIFICAÇÃO URBANA

No seguimento da proposta do Plano Diretor Municipal de Matosinhos de abertura da nova via já referida, é feita a continuidade da Rua Dr. Miguel Martins, rua de acesso às Casas Pátio, aumentando esta quer para poente quer para nascente e criando, assim, uma ligação entre a Praça Guilhermina Suggia e uma via já existente que vai desaguar na Avenida Eng. Duarte Pacheco, exatamente como está representado na planta de classificação e qualificação do solo. Esta vai, então, atravessar o nosso terreno, mas, ao contrário do expectável pelo PDM, a sua direção é proposta paralela ao nosso terreno, ou seja, a sua travessia é deslocada mais para norte de forma a não comprometer tanto a nossa área de construção. Para esta solução ser viável, é necessário proceder à demolição do conjunto de edifícios a norte correspondentes à Clínica dos Trabalhadores Portuários do Douro e Leixões e ao Terminal de autocarros a poente, surgindo, portanto, a consequente necessidade de redesenhar esta parcela da cidade. Ou seja, para além dos blocos propostos e apresentados na Planta de Intervenção (*figura 39*), vai ser também aqui proposta a criação de espaços verdes para lazer, algo que tinha já sido apontado em falta no momento de análise do lugar. No seguimento deste tópico foi então encurtada a via que faz frente ao Palacete passando esta a terminar na nova rua o que permitiu a criação de um caminho pedonal de acesso às escadas já existentes que criam ligação com Metro. É ainda proposta, posteriormente, a criação de um outro acesso à cota baixa e estacionamento ao longo desta nova via.

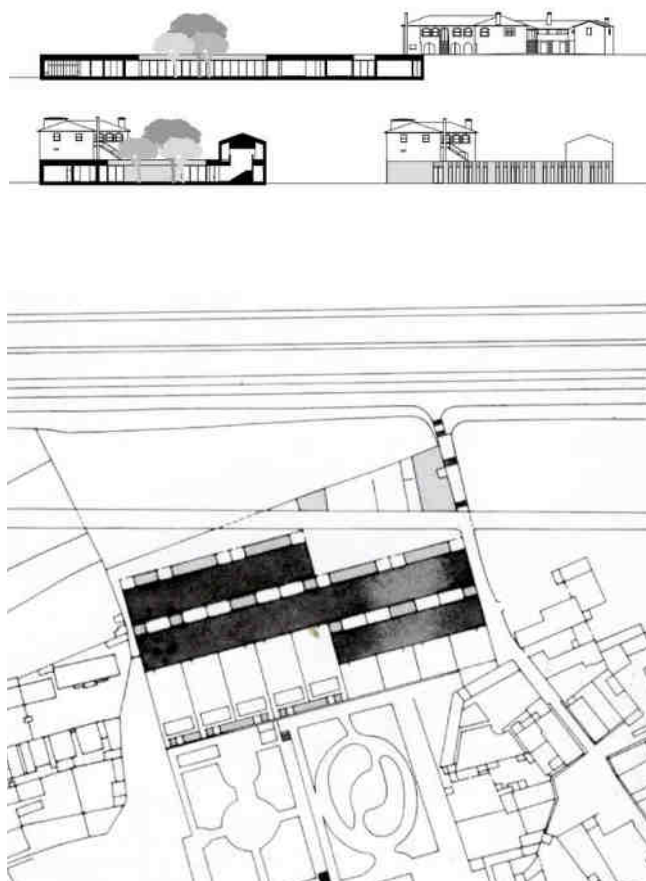


Figura 40 – Cortes a mostrar a relação do novo volume com a pré-existência / Lar Casa de Magalhães [Carvalho Araújo]

Figura 41 – Implantação do conjunto e traçado da via / Casas Pátio [Eduardo Souto de Moura]

Após o redesenho desta área urbana, centramos a nossa atenção na implantação do novo volume, o qual, referenciado, como já foi mencionado precedentemente, no Lar Casa de Magalhães de Carvalho Araújo (*figura 40*), encontra-se inserido à cota da nova rua e, com o seu único piso acima da cota de soleira, depara-se totalmente enterrado em relação ao nível do rés-do-chão do Palacete, como poderemos observar na *figura 42*. Esta escolha resulta da tentativa de não apagar totalmente a imagem do atual logradouro e, ainda, de evidenciar o nosso objeto de estudo que neste momento se encontra bastante escondido da cidade e da sociedade de Matosinhos. No entanto, para além de realçar a visibilidade do Palacete e suscitar mais vida em torno deste, com a abertura da nova rua através da escolha de altimetrias, esta intervenção vem permitir ainda a criação de uma nova frente urbana à cota da linha do metro, algo necessário uma vez que esta se encontra atualmente com uma imagem muito pobre e sem nenhuma funcionalidade para além da passagem de automóveis. Por sua vez, a intervenção na Casa vai ser apenas de recuperação dos elementos que se encontram danificados e/ou conhecidamente desaparecidos, ou seja, aos olhos urbanos esta ganha apenas mais evidência não sendo propostas alterações à sua imagem.

IMPLANTAÇÃO

Embora tenhamos já entrado no tema da implantação no ponto anterior, ainda há bastante para referir no que toca a esta etapa. Vimos, portanto, que a futura construção se encontra enterrada em relação ao Palacete, tendo sido já referida uma das motivações para tal escolha, no entanto, esta surgiu não só da necessidade de evidência, mas também da análise realizada inicialmente em relação às altimetrias de onde foi retirada a conclusão de que as construções adjacentes ao nosso terreno são maioritariamente compostas por apenas um piso acima da cota de soleira, fazendo, portanto, sentido seguir a mesma lógica. No entanto, com o vasto programa necessário ao funcionamento deste equipamento, torna-se essencial a criação de um outro andar, o qual, encontrando-se enterrado em relação ao primeiro, é implantado à cota da linha de metro, resolvendo assim a questão de desnível do terreno.

Por sua vez, após a decisão em relação à topografia do terreno e à altimetria do volume procedeu-se ao desenho da sua implantação em termos de projeção horizontal tendo sido usada como caso de referência o projeto das Casas Pátio de Souto de Moura (*figura 41*) localizado a poente uma vez que a rua nova faz a ligação entre os dois projetos e que a configuração da área de intervenção é semelhante. Assim, e como podemos observar também

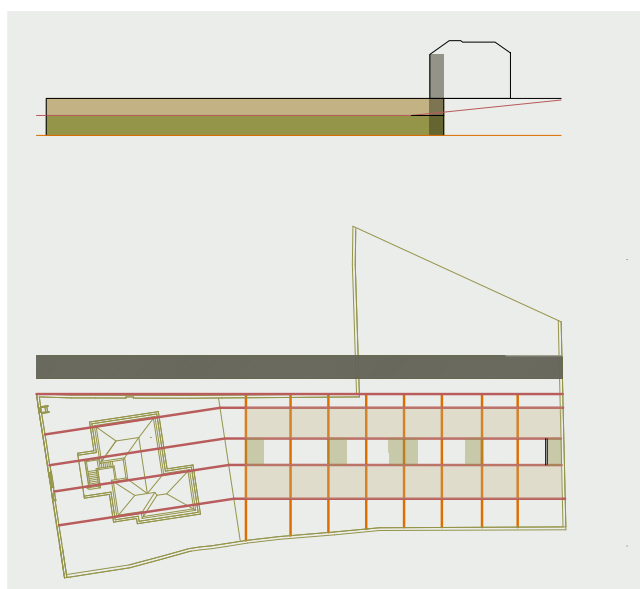


Figura 42 – Esquemas representativos da implantação do novo volume em termos verticais e horizontais

na *figura 42*, são usadas como guias as fachadas do Palacete, as quais, alcançando o eixo (antigo limite do primeiro patamar do logradouro) sofrem uma ligeira rotação para continuarem em paralelo com a nova via e assim formar dois volumes correspondendo estes às duas alas da casa que se projetam. São deixados três vazios, os das extremidades que correspondem ao jardim do Palacete e o do meio que faz alinhamento com o jardim de inverno. Estes vêm formar pátios com utilidades distintas como acontece no projeto de Souto de Moura. À semelhança deste último são também feitas ligações entre os dois volumes, as quais vêm criar o acesso entre estes.

Ainda nesta fase o programa começa já a ser considerado, o primeiro piso é então pensado para albergar a parte do programa mais social e íntimo, ou seja, os espaços associados a uma habitação, enquanto o piso enterrado comporta os espaços de serviço e de cariz mais público. Por sua vez, os dois volumes à cota de soleira repartem também o programa à semelhança do caso tido como referência, ou seja, dentro do programa da habitação localizamos a Norte os espaços sociais voltados para a rua com o usufruto das duas linhas de pátios (o Norte e o interior), enquanto a Sul encontramos a zona íntima dos quartos virados para os pátios com maior extensão e privacidade.

Por sua vez, o Palacete vem adquirir a funcionalidade de centro de dia para usufruto tanto dos residentes como de pessoas exteriores criando duas vantagens, a de abrangência de um maior número de indivíduos com a possibilidade de utilizar estes espaços preparados e pensados para a sua condição e a de criação de mais contactos sociais para os moradores os quais, sendo um número reduzido têm a alternativa de ter contacto com outras pessoas. No entanto, para isto ser possível, e para não afetar a imagem exterior da Casa do Conde, foi necessário projetar o novo volume a passar ligeiramente por baixo desta permitindo assim criar os acessos verticais entre os dois edifícios, algo necessário à funcionalidade deste projeto.

PROGRAMA

Vimos, portanto, que a nossa Residência se encontra distribuída por dois novos pisos (*figura 43*) adquirindo os outros dois andares do Palacete (*figura 44*) a função tanto de apoio a esta assim como de centro de dia. Vamos agora, neste ponto, analisar planta a planta para perceber exatamente qual o programa proposto e como este se organiza tanto horizontalmente como verticalmente.

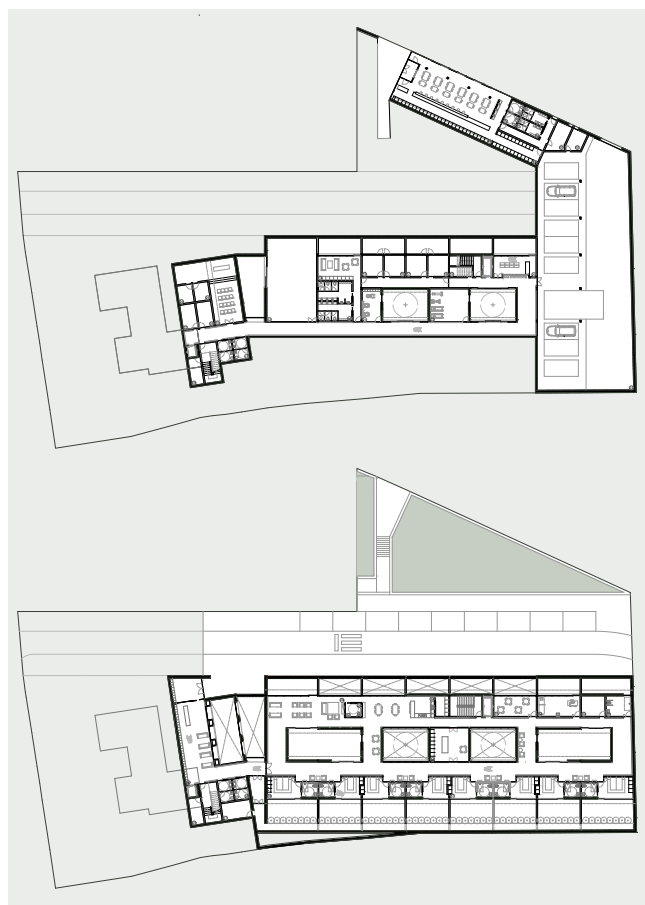


Figura 43 – Plantas do piso 0 e piso1 s/escala (ver melhor em anexo)

Pensado, como dito anteriormente, para albergar os espaços de serviço e de atividades de lazer ou quotidiano que normalmente se realizam fora da habitação, encontramos no piso inferior, tanto os espaços técnicos necessários ao bom funcionamento do edifício como um pequeno estacionamento coberto para usufruto dos trabalhadores e/ou familiares em caso de visitas, uma capela, cabeleireiro, ginásio, minimercado e uma sala polivalente. A funcionar de forma independente, é também aqui proposto um snack bar, o qual, ocupando a frente da linha de metro, para além de vir melhorar as questões urbanas anteriormente referidas, vem também servir de apoio ao nosso equipamento na medida em que cria a possibilidade de organização de refeições com os familiares e/ou amigos num ambiente fora da residência, no entanto com a facilidade no seu acesso e deslocação.

Por sua vez, o piso superior a este último, local de entrada/receção do conjunto, foi pensado para funcionar como a “habitação” dos residentes, ou seja, aqui temos a “unidade” que averiguamos em todos os casos de referência, composta por oito quartos (seis individuais e dois duplos para casal), sala de estar e de jantar, cozinha, sanitário de serviço e lavandaria. Por questões de logística encontram-se aqui também, para além da já referida receção e de várias pequenas zonas de estar propícias para visitas de familiares ou ao descanso do indivíduo, alguns espaços técnicos assim como uma sala de atividades, um gabinete de saúde e uma zona de banho geriátrico. Assim, este piso é organizado de forma a comportar o programa mais essencial permitindo, por motivos quer de segurança para os utentes quer de facilidade para os funcionários, não haver necessidade, no caso de doentes em fases mais avançadas, de deslocação entre andares.

O Palacete, tendo em conta a sua funcionalidade já mencionada, é composto por espaços sociais e de atividades. No seu piso térreo, para além da sala de visitas/reuniões e dos sanitários, temos duas salas de jantar e uma cozinha que assume tanto a função de preparação das refeições como de cozinha terapêutica, um espaço que incentiva os utentes a cozinhar estimulando-os a não perder a sua capacidade e autonomia nesta tarefa doméstica. Em relação ao piso superior, para além do gabinete de direção e dos sanitários, deparamo-nos ainda com a sala de música, a sala snoezelen (espaço sensorial com efeitos terapêuticos e estimulantes), uma sala de atividades e a sala de estar com acesso ao jardim de inverno.

Por último, resta-nos abordar a questão dos espaços exteriores. Como vimos no ponto anterior, os pátios são elementos que marcam fortemente esta proposta acompanhando a nova construção nos dois andares, ou seja, o contacto com o exterior e a luz natural é favorecida na vivência deste equipamento. Com utilidades e orientações diferentes podemos organizá-los em grupos distintos para facilitar a compreensão. Virados a norte e desprovidos

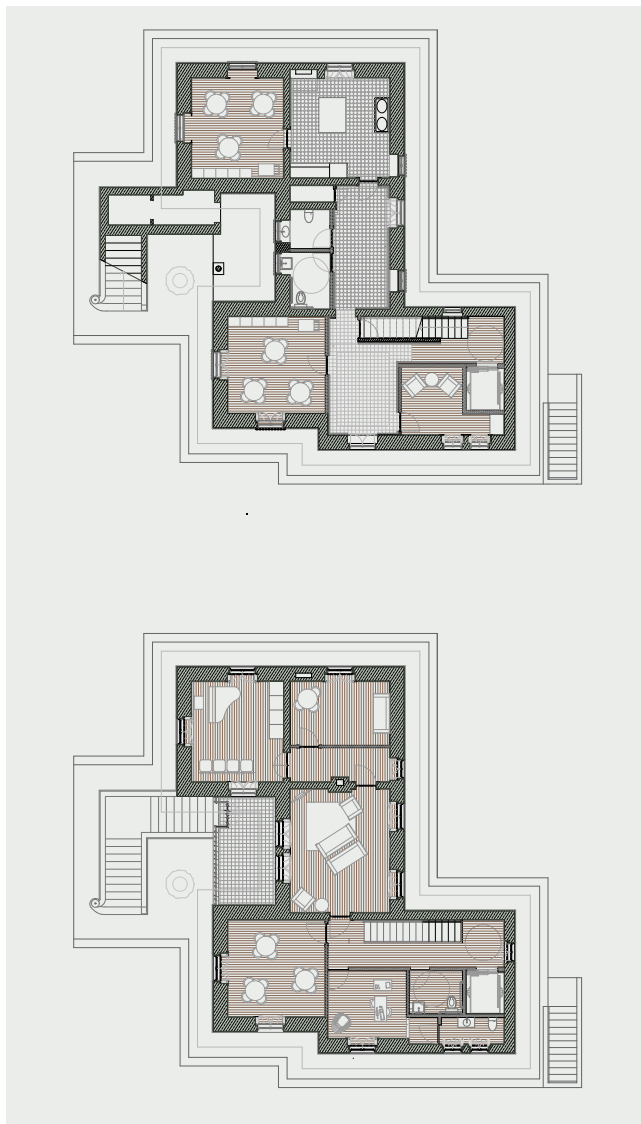


Figura 44 – Plantas do piso 2 e piso 3 s/escala (ver melhor em anexo)

de vegetação, temos oito pequenos pátios que, servindo principalmente espaços de serviço, têm uma funcionalidade essencialmente de iluminação e ventilação. Localizado a meio dos dois volumes, encontramos três intermédios com a mesma funcionalidade, mas que permitem já uma permanência mais agradável, contudo de pouca duração; e dois maiores que adquirem a função de espaço de estar e lazer para além também das funções básicas. Por último, e sem esquecer o jardim original em redor da Casa que foi mantido, temos agora virados a Sul, os outros oito pátios que, de forma individual, servem todos os quartos e permitem aos utentes a sua apropriação e o usufruto do espaço exterior com privacidade se assim o entenderem. Foi ainda, considerada a proposta de um lugar específico para a colocação de uma horta comunitária, no entanto, estando nós a projetar para um público-alvo de idade considerável, achou-se por bem a colocação de canteiros elevados ao invés das típicas áreas de cultivo delimitadas e circunscritas a um determinado lugar. Assim, estes canteiros tanto podem servir os pátios comuns como os privados e, tendo em conta que são vários os espaços disponíveis para a disposição destes, deixa-se então espaço para uma escolha e apropriação pessoal.

Conseguimos, desta forma, perceber a grande quantidade de espaços que esta proposta de programa acarreta sendo notável a semelhança deste com os nossos casos de referência, uma vez que este aspeto representa um dos elementos estudados no primeiro capítulo e analisados no segundo. Apesar de não estarmos a projetar uma vila em conformidade com as obras que estudamos, por questões de falta de terreno para isso, encontramos aqui, de maneira geral, os mesmos espaços restringindo-nos apenas a uma unidade de habitação.

CRIAÇÃO DE UM AMBIENTE FAMILIAR

Um dos conceitos presentes na estratégia de todos os casos de referência analisados consiste na criação de uma atmosfera que permita aos residentes a sensação de estar em casa. Esta impressão, associada ao conforto, segurança e qualidade de vida, passa pela abordagem de elementos-chave que têm sido mencionados ao longo desta dissertação como a privacidade, apropriação, capacidade de escolha, autonomia, personalização e familiaridade. Desta forma, e como já visto no ponto anterior, é incorporado aqui um programa habitacional convencional composto por uma sala de estar, sala de jantar, cozinha, casa de banho de serviço, lavandaria e quartos. A sala de estar, com os seus 50 m², é representada por um espaço amplo e visivelmente aberto onde, com a sua facilidade de adaptação, é a disposição



Figura 45 – Muros de limite em granito / Casas Pátio [autor desconhecido]

Figura 46 – Caixilharias em madeira / Casas Pátio [autor desconhecido]

do mobiliário que define a zona de descanso, de socialização e de lazer associada à televisão. Por outro lado, a cozinha (19 m²) e sala de jantar (17m²), zonas contíguas sem nenhuma barreira entre elas, são igualmente espaços abertos onde o único elemento limitador é também o seu mobiliário. Para além das duas mesas de jantar e dos equipamentos necessários ao funcionamento normal deste espaço, temos ainda aqui a possibilidade de sentar ao balcão e o apoio de uma despensa para armazenamento. O quarto (17 m² o individual e 22m² o duplo), por sua vez, privado, com casa de banho individual e com um pátio exterior exclusivo a este, apesar de ser um lugar pequeno no sentido de se privilegiar a socialização, é o espaço onde mais será possível e aconselhada a apropriação e personalização com elementos e objetos pessoais. Ou seja, excetuando a lavandaria que com os seus 30 m² representa uma zona para a prática de atividades como lavar, coser, passar a ferro, etc., as escalas das áreas mencionadas são adequadas às de uma habitação unifamiliar.

Os materiais aplicados são, apesar de haver aspetos que tenham de ser tidos em conta como por exemplo, a facilidade na limpeza e a possibilidade de ofuscamento e derrapagem, pensados na sua maioria e pelo menos nestas áreas mencionadas, como se de uma habitação se tratasse. Devido à grande quantidade de espaços que o programa proposto engloba, não iremos elencar todos estes, no entanto, falaremos do mais aplicado e, portanto, mais presente no projeto. Como vimos no primeiro capítulo, a madeira é um material que traz efeitos benéficos associados ao sistema nervoso, ao sistema respiratório e ao sistema visual, para além disso, tanto as habitações modernas como, e em especial, as mais antigas tiram bastante usufruto deste mesmo para diversas funções, não sendo o nosso Palacete uma exceção. Desta forma, a madeira é proposta na aplicação das caixilharias, subtetos dos quartos, armários, rodapés, mobiliário fixo e móvel, e obviamente no pavimento, o qual, flutuante, encontra-se presente na generalidade dos espaços, combinando a agilidade da sua manutenção com o conforto promovido por este.

Continuando ainda na mesma temática da materialidade, a madeira não só foi aplicada aos elementos interiores referidos como também ganhou ainda mais destaque em termos exteriores para além das caixilharias. Adicionalmente à sua presença previamente marcada através das portadas do Palacete, vimos aqui dar-lhe um papel fundamental, assumida em forma de ripas, ocupando a fachada principal norte, de frente para a nova rua. À semelhança do que foi feito em alguns dos casos de referência analisados no capítulo anterior, foram tidos em conta os materiais locais mais próximos que marcam a identidade da envolvente. Desta forma, e tidas como principais referências o projeto de Souto de Moura (*figura 45 e figura 46*), e o nosso próprio objeto de estudo, a alvenaria de granito reveste os

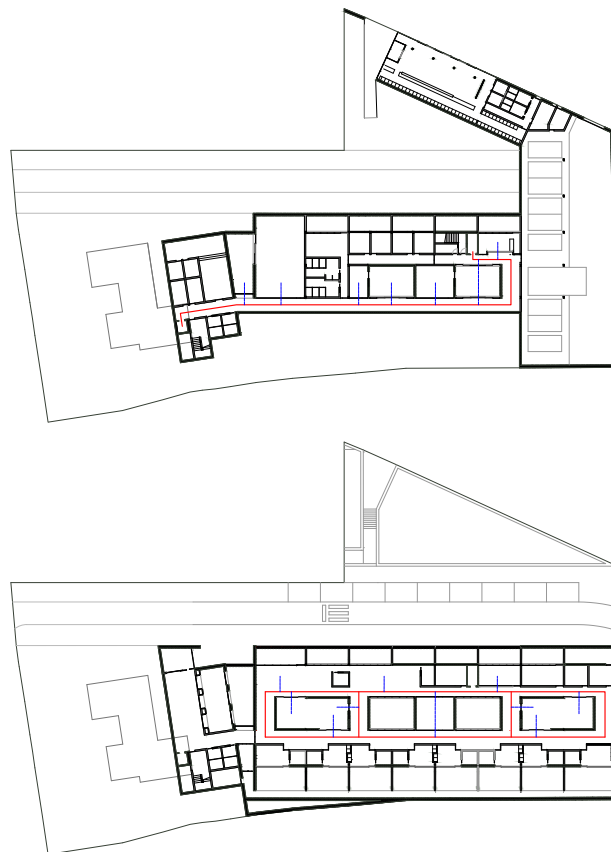


Figura 47 – Marcação do percurso (vermelho) e das referências visuais ao longo deste (azul) nas plantas de piso

muros que encerram o nosso terreno (anexo final). Ou seja, a identidade do nosso projeto é marcada essencialmente por materiais que remetem não só para todos os atributos e elementos referidos como fazem também alusão às casas burguesas do Porto, distrito este onde se encontra a ser realizado o nosso projeto.

ORIENTAÇÃO

Como vimos inicialmente nesta dissertação, a capacidade de possuir um sentido orientador autónomo promove um efeito de autoestima no indivíduo, em contrapartida, o sentimento de desorientação, um dos sintomas mais frequentes e iniciais da demência, é provocador de confusão e frustração. Assim, este aspeto torna-se uma problemática primordial e ditadora inicial da configuração da nossa nova construção uma vez que o percurso, trajetória circunscrita aos planos que delimitam o espaço, é aqui a nossa diretriz prévia que irá em compensação cingir os planos à nossa trajetória. Com isto queremos dizer que, após a estabilização da primeira versão da nossa implantação, o caminho que os utentes viriam a efetuar e a necessidade de este ter uma continuidade espontânea sem chegadas a saídas sem fim, foi, igualmente ao que averiguamos nos casos de referência, alvo de um pensamento e estudo principal.

Assim, como podemos observar na *figura 47*, é traçado, no lugar da “habitação” e na sua forma inicial, um percurso em forma de O, o qual, com a abertura de duas ligações diretas entre os seus lados ao longo do comprimento maior passa, portanto, a constituir, na sua forma final, um H. Por sua vez, no piso inferior, dispomos de um trajeto em forma de U, onde as extremidades correspondem às caixas de elevadores, escolha realizada propositadamente com o intuito de que este não tivesse um fim, mas sim pudesse ser feita a sua continuidade, como no piso superior, mas agora através da mudança de andar. No entanto, em ambos os casos, este trajeto é efetuado em torno dos pátios centrais, criando quer uma fonte de iluminação natural constante, quer alguma permeabilidade visual para o restante caminho. Para além disso, os espaços funcionais são colocados, de forma intercalada ou então em confronto com os pátios, criando elementos de referência e contrariando o efeito repetitivo que pode surgir ao longo deste. De igual forma, nestas áreas, a ausência de portas ou então a escolha de vidro a compor as suas paredes, permitem a abertura visual do espaço para quem está no exterior e assim uma maior perceção da sua função e localização. Esta preferência vem também contribuir para a segurança dos utentes na medida em que os funcionários conseguem ter mais controlo sem necessidade de criar uma “sombra” sob estes,

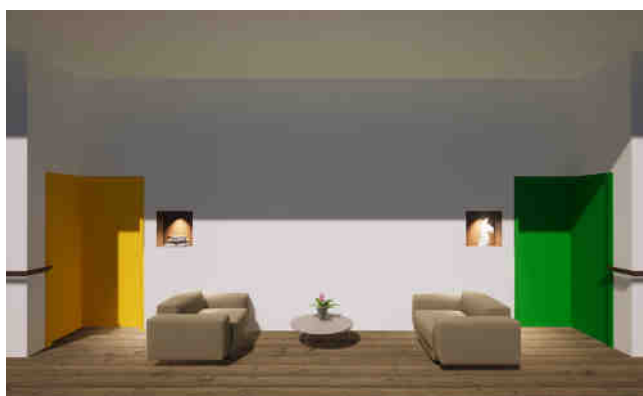


Figura 48 – Portas dos quartos coloridas para auxiliar na orientação dos residentes

no entanto e essencialmente em relação à cozinha e lavandaria, a abertura semi/total dos espaços e a localização destes no mesmo piso que os quartos e restantes espaços mais usufruídos, vem não só de encontro com os objetivos referidos anteriormente, quer da criação de um ambiente familiar quer a permeabilidade visual, mas também da estimulação olfativa mencionada no primeiro capítulo. Assim, o cheiro da comida, por exemplo, para além de abrir o apetite, auxilia na descoberta da localização da cozinha. No entanto, também no início desta dissertação, analisamos a cor como um dos elementos arquitetónicos evocativos da memória, assim como pudemos ver o uso desta no projeto de Níall McLaughlin Architects e a sua função orientadora no espaço. Desta forma, e tendo como referência principal este caso, é também no nosso projeto, proposta o uso desta ferramenta, aplicando uma cor diferente a cada uma das portas dos quartos no auxílio da distinção por parte de cada residente do seu próprio aposento, sendo usada para isso a paleta de cores original e existente no Palacete de maneira a criar um paralelismo com este (*figura 48*). A par disto, são ainda desenhadas, adjacentes a cada uma das portas, prateleiras para a colocação de lembranças e objetos pessoais, exatamente como pudemos ver no projeto Alzheimer's Village dos NORD Architects e é proposta a sinalização dos espaços ao longo do edifício.

Abordamos, portanto, o percurso e todos os elementos que o compõem e interferem neste, contudo, falta-nos ainda referir dois aspetos essenciais nos espaços, que para além de termos referido na investigação teórica inicial também observamos a ser aplicados na prática nos projetos estudados. Vimos que o programa aqui proposto é composto por várias atividades, sendo de notar que a cada uma delas foi atribuído um espaço específico, distinto e com uma escala adequada de forma que os utentes consigam associar este às suas características. Outro ponto já mencionado, mas que deve também ser aqui lembrado é o planeamento do piso “principal” com os serviços e áreas mais essenciais tendo em conta a dificuldade e barreira que os elevadores podem criar. Salienta-se ainda a abertura de vãos em diferentes orientações, possibilitando não só uma luz constante como uma variação desta ao longo do dia, permitindo aos residentes a capacidade de se localizarem temporalmente e também a proposta de um armário no quarto com a ausência de uma das portas para permitir a colocação da roupa, escolhida previamente pelos funcionários, do próprio dia orientando-os nesta tarefa. Este pormenor vai permitir aos residentes que mostram dificuldade e frustração nesta tarefa sentirem-se mais aliviados e na mesma a adquirir um sentimento de satisfação e objetivo cumprido no ato de vestir.

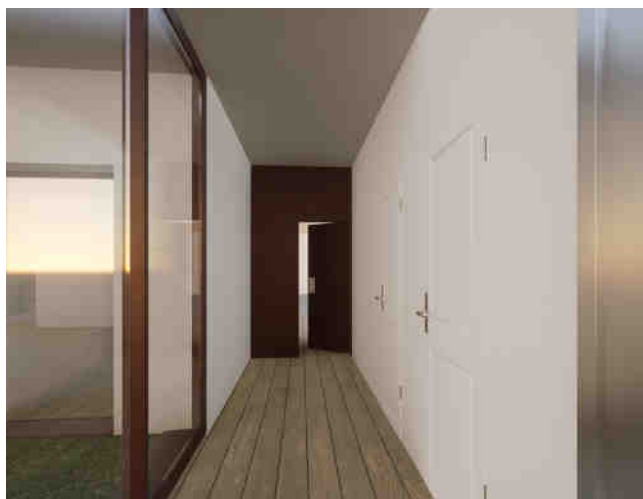


Figura 49 – Porta no mesmo material e cor que a parede adjacente tornando-a impercetível aos residentes

SEGURANÇA

Conseguimos perceber até aqui que a liberdade é uma característica necessária para a promoção da autonomia e independência de uma pessoa, no entanto, quando se trata de um indivíduo com perda significativa das suas capacidades, a segurança é um aspeto que pode vir a ser comprometido em detrimento desta liberdade. Por estarmos a projetar uma Residência Sénior onde é confiada a vida dos utentes pelos próprios e seus familiares, a segurança é algo que não pode ser posta em causa. No entanto, de igual forma, não podemos ver esta como um impedimento de usufruto da vida e do dia a dia, assim, torna-se necessário encontrar um equilíbrio.

Estando nós já na reta final, é normal que durante este capítulo, na abordagem dos pontos anteriores, tenham sido já referidos aspetos que venham a ter em conta a garantia e melhoria da segurança do nosso público-alvo. São exemplo disso, por exemplo, a localização do programa habitacional e o considerado primordial no mesmo piso, aspeto abordado na questão programática; a permeabilidade visual mencionada na problemática da orientação; e a materialidade aplicada ao pavimento discutida na conquista de um ambiente familiar. No entanto, faltam ainda referir algumas medidas tomadas acerca deste ponto. Para além dos aspetos mais básicos que nos vêm prontamente à cabeça, como o mobiliário inclusivo e a escala/dimensão das áreas (corrimãos; casas de banho preparadas para mobilidade reduzida; circunferência de rotação de uma cadeira de rodas; etc.), são ainda ponderadas outras ações.

Em semelhança ao que acontece nos projetos que estudamos no capítulo anterior, a nossa área de intervenção é rodeada por muros de granito que marcam os limites de segurança até onde os residentes podem ir, existindo apenas duas formas de entrada e saída do conjunto, a pela receção/entrada principal ou a pelo estacionamento. De ambas as maneiras o atravessamento destas é controlado e, portanto, a tentativa de fuga, característica comum nos lares de idosos, não representa perigo para os residentes. Outro aspeto importante, não só para as pessoas que sofrem de demência, mas para todas as que sofram, de, em termos de locomoção, limitações ou dificuldades derivadas da idade, é a ausência de escadas, degraus ou rampas com elevada inclinação dentro do mesmo piso sendo estes desníveis considerados barreiras à deslocação autónoma dos sujeitos podendo criar frustração, quer para os utentes quer para os funcionários, ou até mesmo acidentes.

No entanto, a promoção de um ambiente seguro não passa apenas pela adoção de ações que no caso de não serem tomadas consistam em totais entraves, passa também pelo planeamento e adoção de medidas preventivas. Neste sentido, foi criado um corredor exterior



Figura 50 – Ambiente denunciador da função do espaço pela sua materialidade e elementos arquitetónicos [Miguel Malheiro]

de acesso aos pátios dos quartos, foram planeadas portas interiores com dupla folha no caso de haver necessidade de passagem de camas e foram aplicados materiais de camuflagem a outras mesmas que representem acessos condicionados, como por exemplo, a porta da sala dos funcionários (*figura 49*) ou porta do estacionamento.

Como vimos, estas propostas não visam condicionar de forma alguma a liberdade dos indivíduos, mas sim ajudá-los a conquistar uma vida o mais normal possível reduzindo a possibilidade de haver obstáculos à sua execução.

O PALACETE

Para terminar, apesar do Palacete não corresponder a um dos pontos abordados no primeiro capítulo e não ter tido grande destaque nos aspetos agora avaliados de programa, criação de um ambiente familiar, orientação e segurança, torna-se necessário voltar a referir que este não foi alvo de significativas alterações e/ou acrescentos, tendo sido estes realizados apenas de um ponto de vista funcional. Desta forma, não foram aqui criadas intervenções que venham cumprir de forma particular os conceitos estudados, no entanto, é de salientar que estes acabam por já estar presentes, sendo esta casa originalmente dotada dos elementos arquitetónicos avaliados inicialmente. Ou seja, as cores, a materialidade, a luz natural e a natureza são características que já vêm desde o início empregues de forma rica no nosso Palacete. Contudo, é necessário aludir e evidenciar que, é na mesma aqui o programa aplicado (criação de vários espaços com funções distintas entre si), o ambiente familiar mantido (a sala de estar e cozinha (*figura 50*) mantêm o seu ambiente e função original), a orientação tida em conta (conservação das cores (*figura 51*) e elementos referenciadores) e a segurança aplicada (adaptação desta casa à mobilidade reduzida).

Desta forma, percebemos que a reabilitação realizada na Casa do Conde pretendeu, não só a conservação integral da tipologia original, como a preservação e manutenção dos seus materiais, revestimentos e cores. No entanto, viu-se ser necessária a execução de algumas adaptações em vista do cumprimento da sua nova ocupação. São então propostas demolições de algumas paredes interiores divisórias e, por vezes, a construção de outras semelhantes em posições próximas às iniciais. Com a incorporação de uma caixa de elevador a servir ambos os andares do palacete, torna-se também indispensável a deslocação dos primeiros degraus (passando a escada original em forma de U a constituir uma de tiro) sendo na mesma mantido o arco que se encontra incorporado no vão de acesso a estas. A perda maior é pronunciada pelo desaparecimento da casa de banho original, a qual, encontrada em



*Figura 51 – Paredes e portas coloridas a referenciar o espaço
[Miguel Malheiro]*

completo estado de degradação, serve de modelo de referência para as novas propostas. Por sua vez, foram também introduzidos, neste edifício, níveis de conforto contemporâneo tanto através da colocação de isolamento térmico e telas de impermeabilização, quer na cobertura como no pavimento, como através da proposta de drenagem periférica do edifício. Estamos, portanto, perante uma reabilitação onde é proposta não só a conservação do património material como também, pelo cuidado e preservação dos seus valores de memória, antiguidade, autenticidade, singularidade e exemplaridade, a conservação do património imaterial.

Com isto, conseguimos perceber que o Palacete é uma arquitetura não só dotada de imensos valores, como já averiguamos precedentemente, mas também rica em elementos estimuladores do ambiente e, por isso, um ótimo objeto de estudo a incluir no nosso projeto. Este acaba por não só vir a ser beneficiado com a nossa intervenção como também vem ele próprio ser beneficiador para a nossa proposta, quer em termos projetuais quer em termos conceptuais.

CONCLUSÃO

Ao longo deste último ano de elaboração da dissertação foram várias as conversas tidas com colegas que, não tendo formação nesta área, demonstraram não fazer ideia de que a arquitetura pode ter realmente um impacto significativo na vida do ser humano, revelando-se ser determinante em questões psicológicas e sociais. Ora, a temática aqui abordada vem mostrar não só uma realidade ainda desconhecida por muitos, como veio servir também de fonte de informação e estudo para uma realização própria, uma vez que pessoalmente e desde muito cedo a parte mais cativante deste exercício vem da capacidade de manipulação do indivíduo através do espaço, parte esta que veio ganhar ainda mais valor a partir do momento que se tornou beneficiadora para a sociedade e, especialmente para uma sociedade que, infelizmente mais pronunciada numa percentagem total, é obrigada a sobreviver aos últimos anos da sua vida ultrapassando diariamente, não só mas também, problemas de memória, uma capacidade que pode ser vista como moldadora da nossa identidade.

No primeiro capítulo foram analisados alguns dos estímulos (cor, materialidade, luz natural, natureza) que estão presentes na arquitetura através dos seus elementos e características, sendo daqui retirada a noção de que estes tanto podem ser provocadores de efeitos positivos como negativos para o indivíduo, verificando-se, portanto, a importância de estudar esta temática. Contudo, conseguimos também perceber que estas ferramentas que se incorporam num ato projetual podem vir a ser moldadoras e materializadoras de um respetivo e específico ambiente que se pretenda adquirir. Desta forma, aprendeu-se a, através destas e de outras, alcançar uma atmosfera que contribui e promove a independência do doente com Alzheimer, permitindo a este o alcance de uma maior qualidade de vida. Para isso, foram investigadas, ainda no segundo capítulo, as vertentes de criação de um ambiente familiar, programa funcional, orientação e segurança para depois, no terceiro, ser alvo de análise o modo como a teoria vem ser aplicada na prática através de casos de referência, os quais, tendo todos o mesmo conceito aqui abordado, vieram auxiliar na execução da nossa proposta.

Por último, o valor da arquitetura vem ser acrescido pelo estudo do património e caracterização do nosso objeto de intervenção. A Casa do Conde de S. Salvador passa aos nossos olhos a ser, para além de uma construção dotada de inúmeras relevâncias, um espaço pronunciado por diversos estímulos. Este palacete e seu logradouro vêm então servir de palco fundamental para a materialização da nossa Residência Sénior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIRES, D. C. (2017). A influência da cor na percepção espacial. Abordagen à cor: três arquitetos [Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra]. Repositório científico da UC. Consultado a 23 de setembro de 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10316/81523>

Arquitectura Viva (n.d.). Alzheimer's Village in Dax. NORD Architects. Consultado a 10 de julho de 2024. Disponível em: <https://arquitecturaviva.com/works/le-village-landais-alzheimer-en-dax>

Associação Alzheimer Portugal (n.d.). A Doença de Alzheimer. Consultado a 20 de junho de 2024. Disponível em: <https://alzheimerportugal.org/a-doenca-de-alzheimer/>

ASTBURY, J. (2023). NORD Architects adopts recognizable architectural forms for Alzheimer's Village. Dezeen. Consultado a 10 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.dezeen.com/2023/11/14/nord-architects-alzheimers-village-france/>

ATCIYURT, B. (2023). Upscaling Dementia Architecture [Dissertação de Mestrado, TU Delft University of Technology Faculty of Architecture and the Built Environment]. TU Delft Repository. Consultado a 14 de setembro de 2024. Disponível em: <https://repository.tudelft.nl/record/uuid:cae25472-fcbb-4612-8cbc-3cda5d104b8f#title>

AZZAZY, S., Ghaffarianhoseii, A., Ghaffarianhoseii, A., Naismith, N. & Doborjeh, Z. (2021). A critical review on the impact of built environment on users' measured brain activity. *Architectural Science Review*, 64(4), 319-335. Consultado a 1 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00038628.2020.1749980>

BAEZA, A.C. (2011). Pensar com as Mãos. Caleidoscópio.

BARRANHA, H. (2016). Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais. IST Press e ICOMOS-Portugal. Consultado a 19 de setembro de 2024. Disponível em: <https://istpress.tecnico.ulisboa.pt/produto/patrimonio-cultural-conceitos-e-criterios-fundamentais-e-book/>

BENEDETTI, F., Colombo, C., Barbini, B., Campori, E., Smeraldi, E. (2001). Morning sunlight reduces length of hospitalization in bipolar depression. *Journal of Affective Disorders*, 62(3), 221-223. Consultado a 8 de fevereiro de 2024. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0165-0327\(00\)00149-X](https://doi.org/10.1016/S0165-0327(00)00149-X)

CAIVANO, J. L. (2021). Book Review: Color for Architects by Juan Serra Lluch. *Color Research and Application*, 46(4), 909-911. Consultado a 5 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/col.22667>

Câmara Municipal de Matosinhos (2017). Programa Estratégico para as Áreas de Reabilitação Urbana de Matosinhos e de Leça da Palmeira. Consultado a 2 de setembro de 2024. Disponível em: [https://www.cm-](https://www.cm-matosinhos.pt/cm-matosinhos2020/uploads/document/file/7267/programa_estrategico_para_as_areas_de_reabilitacao_urbana_de_matosinhos_e_de_leca_da_palmeira___relatorio_final.pdf)

[matosinhos.pt/cm-matosinhos2020/uploads/document/file/7267/programa_estrategico_para_as_areas_de_reabilitacao_urbana_de_matosinhos_e_de_leca_da_palmeira___relatorio_final.pdf](https://www.cm-matosinhos.pt/cm-matosinhos2020/uploads/document/file/7267/programa_estrategico_para_as_areas_de_reabilitacao_urbana_de_matosinhos_e_de_leca_da_palmeira___relatorio_final.pdf)

Câmara Municipal de Matosinhos (n.d.). Caracterização Socioeconómica. Dinâmicas Sociodemográficas e Económicas do Concelho de Matosinhos. Revisão do PDM de Matosinhos. Consultado a 2 de setembro de 2024. Disponível em: https://www.cm-matosinhos.pt/cm-matosinhos2020/uploads/document/file/7128/dinamicas_sociodemograficas_e_economicas_do_concelho_de_matosinhos.pdf

CARDOSO, M. P. (2020). As Casa de Brasileiro em Espinho: Reabilitação da Casa dos Girassóis [Dissertação de Mestrado, Universidade Lusíada]. Repositório das Universidades Lusíada. Consultado a 5 de setembro de 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11067/5879>

CHMIELEWSKI, E. & EASTMAN, P. (2014). Excellence in Design: Optimal Living Space for People with Alzheimer's Disease and Related Dementias.

CHOI, J., Beltran, L. O., Kim, H. (2012). Impacts of indoor daylight environments on patient average length of stay (ALOS) in a healthcare facility. *Building and Environment*, 50, 65-75. Consultado a 8 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.buildenv.2011.10.010>

CURTIS, W. J. R. (2011). Alzheimer's Respite Centre, Dublin, by Níall McLaughlin Architects. *Architects' Journal*. Consultado a 16 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.architectsjournal.co.uk/archive/alzheimers-respite-centre-dublin-by-niall-mclaughlin-architects>

DUARTE, A. C. T. (2016). A Evolução Urbana de Matosinhos/Sul [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. Consultado a 2 de setembro de 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/84405>

DUARTE, R. B. (2007). Arquitetura Ibérica nº 21 – Cor. Caleidoscópio.

DVA Dementia Village Associates (n.d.). DVA The Hogeweyk. Consultado a 30 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.dementiavillage.com/projects/dva-de-hogeweyk/>

EVANS, G. W., McCoy, J. M., (1998). WHEN BUILDINGS DON'T WORK: THE ROLE OF ARCHITECTURE IN HUMAN HEALTH. *Journal of Environmental Psychology*, 18(1), 85-94. Consultado a 19 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1006/jevp.1998.0089>

FERREIRA, J. A. d. A. (2010). Técnicas de Diagnóstico de Patologias em Edifícios [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. Consultado a 9 de agosto de 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/58880>

Gabinete de Estratégia e Estudos (n.d.). Concelho (Municipality): Matosinhos. Consultado a 2 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.gee.gov.pt/pt/documentos/publicacoes/estatisticas-regionais/distritos-concelhos/porto/matosinhos>

GLASS, A. P. (2014). Innovative Seniors Housing and Care Models: What We Can Learn from the Netherlands. *Seniors Housing and Care Journal*, 22(1), 74-81. Consultado a 30 de agosto de 2024. Disponível em: https://creneupaapa.uqam.ca/wp-content/uploads/2018/06/Innovative-seniors-housing-and-care-models_What-we-can-learn-from-the-Netherlands.pdf

HØJ, L. D. (2019). Exploring the potentials of dementia village architecture. Designing with and for people with dementia. Wellbeing, Empowerment and Happiness. *International Mind Conference 2019*. Consultado a 29 de Agosto de 2024. Disponível em: <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:bsz:14-qucosa2-366825>

JANSON, A. & Tigges F. (2014). *Fundamental Concepts of Architecture. The Vocabulary of Spatial Situations*. Birkhäuser Verlag GmbH, Basel

MAHMOUD, H. H. (2017). Interior Architectural Elements that Affect Human Psychology and Behavior. *The Academic Research Community Publication*, 1(1), 1-10. Consultado a 19 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21625/archive.v1i1.112>

MANAIA, M. B., (2012). Luz, cor e percepção: A influência da iluminação no comportamento humano. *Revista Lume Arquitetura Ed. 53. De Maio Comunicação e Editora*. Consultado a 19 de fevereiro de 2024. Disponível em: https://lumearquitectura.com.br/pdf/ed53/ed_53%20At%20%20Linguagem%20visual%20e%20psicoterapia.pdf

MARQUARDT, G & SCHMIEG, P. (2009). Dementia-Friendly Architecture: Environments That Facilitate Wayfinding in Nursing Homes. *American Journal of Alzheimer's Disease & Other Dementias*, 24(4), 333-340. Consultado a 25 de junho de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1533317509334959>

MARQUARDT, G. (2011). Wayfinding for people with dementia: A Review of the Role of Architectural Design. *Health Environments Research & Design Journal*, 4(2), 75-90. Consultado a 25 de junho de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/193758671100400207>

MARTINS, M. S. V. (2012). Pensar em Arquitectura através da Arquitectura. Perceção do homem no [e do] espaço arquitectónico [Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. Consultado a 5 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/80384/2/23454.pdf>

MARX, F. (2023). Design for Health. Creating supportive environments for people living with Dementia. [Dissertação de Mestrado, University of Pécs]. Pécsi Egyetemi Archívum. Consultado a 8 de agosto de 2024. Disponível em: <https://pea.lib.pte.hu/handle/pea/35001>

MCLAUGHLIN, N. (2018). Niall McLaughlin. Drawing Matter. Consultado a 16 de julho de 2024. Disponível em: <https://drawingmatter.org/niall-mclaughlin/>

MORENO-NAVARRO, A. G. (1999). La restauración objetiva (Método SCCM de restauración monumental. SPAL.

MUGA, H. (2005). Psicologia da Arquitetura. Coleção Ensaios.

Niall McLaughlin Architects (n.d.). Alzheimer's Respite Centre. Consultado a 16 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.niallmclaughlin.com/projects/alzheimer-Respite-Centre/>

NORD Architects (n.d.). Alzheimer's Village Dax. A village designed for people living with Alzheimer's disease and dementia. Consultado a 10 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.nordarchitects.dk/projects/alzheimers-village-dax/>

Nordic Office of Architecture (2021). Carpe Diem Dementia Village / Nordic Office of Architecture. ArchDaily. Consultado a 8 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.archdaily.com/955466/carpe-diem-dementia-village-nordic-office-of-architecture>

Nordic Office of Architecture (n.d.). Carpe Diem Dementia Village. Consultado a 7 de agosto de 2024. Disponível em: <https://nordicarch.com/project/carpe-diem-dementia-village>

NORMANN, A. G. (2022). Carpe Diem Dementia Village Main programme OSLO [Vídeo]. Nordic Office of Architecture. Consultado a 7 de agosto de 2024. Disponível em: <https://nordicarch.com/project/carpe-diem-dementia-village>

Open House OSLO (2022). Carpe Diem Dementia Village Main programme OSLO [Vídeo]. Nordic Office of Architecture. Consultado a 7 de agosto de 2024. Disponível em: <https://nordicarch.com/project/carpe-diem-dementia-village>

Ordem dos Arquitetos (2003). À La Recherche du Temps Perdu. Jornal Arquitetos nº 213.

Ordem dos Arquitetos (2018). Reabilitação | Intervenção – Adaptação – Preservação. Consultado a 10 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.ordemdosarquitectos.org/noticias/reabilitacao-intervencao-adaptacao-preservacao>

PALLASMAA, J., Mallgrave, H. F. & Arbib, M. (2013). Architecture and Neuroscience. A Tapio Wirkkala-Rut Bryk Design Reader.

PAPANEK, V. (1995). The Green Imperative: Natural Design for the Real World. Thames and Hudson.

PERMATASARI, D. (2015). Alzheimer Rehabilitation Center Design using Natural Lighting Aspect in the Context of Healing Architecture. International Journal of Engineering Research & Technology (IJERT), 4(7), 795-803. Consultado a 8 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://www.ijert.org/alzheimer-rehabilitation-center-design-using-natural-lighting-aspect-in-the-context-of-healing-architecture>

PLOCKOVA, J. (2023, July 3). As Cases Soar, ‘Dementia Villages’ Look Like the Future of Home Care. The New York Times. Consultado a 7 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/07/03/realestate/dementia-villages-senior-living.html>

Porto Editora (2014). Dicionário da Língua Portuguesa. Consultado a 19 de fevereiro de 2024.

RIBA Architecture (2022). RIBA + Vitra Talk: Nurturing spaces – designing for dementia [Vídeo]. Youtube. Consultado a 26 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IcG7ZfowUkI>

SAMARŽIJA, H. (2018). Epistemological Implications of Neuroarchitecture. Serbian Architectural Journal, 10(2), 143-156. Consultado a 11 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5937/SAJ1802143S>

SCHEI, T. (2022). Carpe Diem Dementia Village Main programme OSLO [Vídeo]. Nordic Office of Architecture. Consultado a 7 de agosto de 2024. Disponível em: <https://nordicarch.com/project/carpe-diem-dementia-village>

SCHWARZ, B. & Brent, R. (1999). Aging, Autonomy and Architecture. Advances in Assisted Living. The Johns Hopkins University Press.

SHAIKH, H. (2023). Biophilic architecture: Using cognitive science principles to understand impact on well-being. Consultado a 19 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.31234/osf.io/ny3kc>

SHENG, W., Guilherme, S. d. O., Zakaria, D. & Klaus, G. (2022). The Embodiment of Architectural Experience: A Methodological Perspective on Neuro-Architecture. *Frontiers in Human Neuroscience*, 16, 1-11. Consultado a 1 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fnhum.2022.833528>

SÓLIS, A. M. E. & Herrera, N. L. R. (2020). Neuroarquitectura en pro del desarrollo de la creatividad em los estudiantes de diseño. *Actas de Diseño*, 32, 110-113. Consultado a 31 de janeiro de 2024. Disponível em: <https://dspace.palermo.edu/ojs/index.php/actas/article/view/2054>

The Hogeweyk Dementia Village (n.d.). The Hogeweyk – normal life for people living with dementia. Consultado a 29 de agosto de 2024. Disponível em: <https://hogeweyk.dementiavillage.com>

VALENTE, L. M.D. (2014). Protagonismo do Vazio: A Urbanidade do Território [Tese de Doutoramento, Universidade de Coruña]. Repositorio Universidade Coruña. Consultado a 3 de setembro de 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2183/14466>

VASCONCELOS, R. T. B. (2004). Humanização de Ambientes Hospitalares: Características Arquitetônicas Responsáveis pela Integração Interior/Exterior [Pós-Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. Consultado a 19 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/87380>

VideonetChannel (2015). Meaningful work at Hogeweyk Dementia Village, Brenda Smart [Vídeo]. Youtube. Consultado a 23 de agosto de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IvNg2xzLYLY>

Village Landais Henri Emmanuelli (n.d.). The establishment. Consultado a 5 de agosto de 2024. Disponível em: <https://villagealzheimer.landes.fr/en/the-establishment/#le-projet>

VOX (2022). How “dementia villages” work [Vídeo]. Youtube. Consultado a 23 de agosto de 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LN_--egst3s

WIENER, J. & Pazzaglia, F. (2021). Aging- and dementia-friendly design: theory and evidence from cognitive psychology, neuropsychology and environment psychology can contribute to design guidelines that minimise spatial disorientation, 22, 715-730. Consultado a 25 de junho de 2024. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10339-021-01031-8>

XAREPE, T. M. (2018). ARQUITETURA E URBANISMO PARA DOENÇAS NEURODEGENERATIVAS. PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DE CACILHAS [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. Consultado a 14 de setembro de 2024. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/17948>

ZAMANI, M., Kheirollahi, M., Abad, M. J. A. E., Rezaee, H. & Vafaei, F. (2023). Review Article: A Review of the Effects of the Physical Components of the Interior Space of Architecture on Emotions with an Emphasis on Neuroarchitecture. *Bagh-e Nazar*, 20(118), 93-124. Consultado a 19 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22034/BAGH.2022.320127.5071>

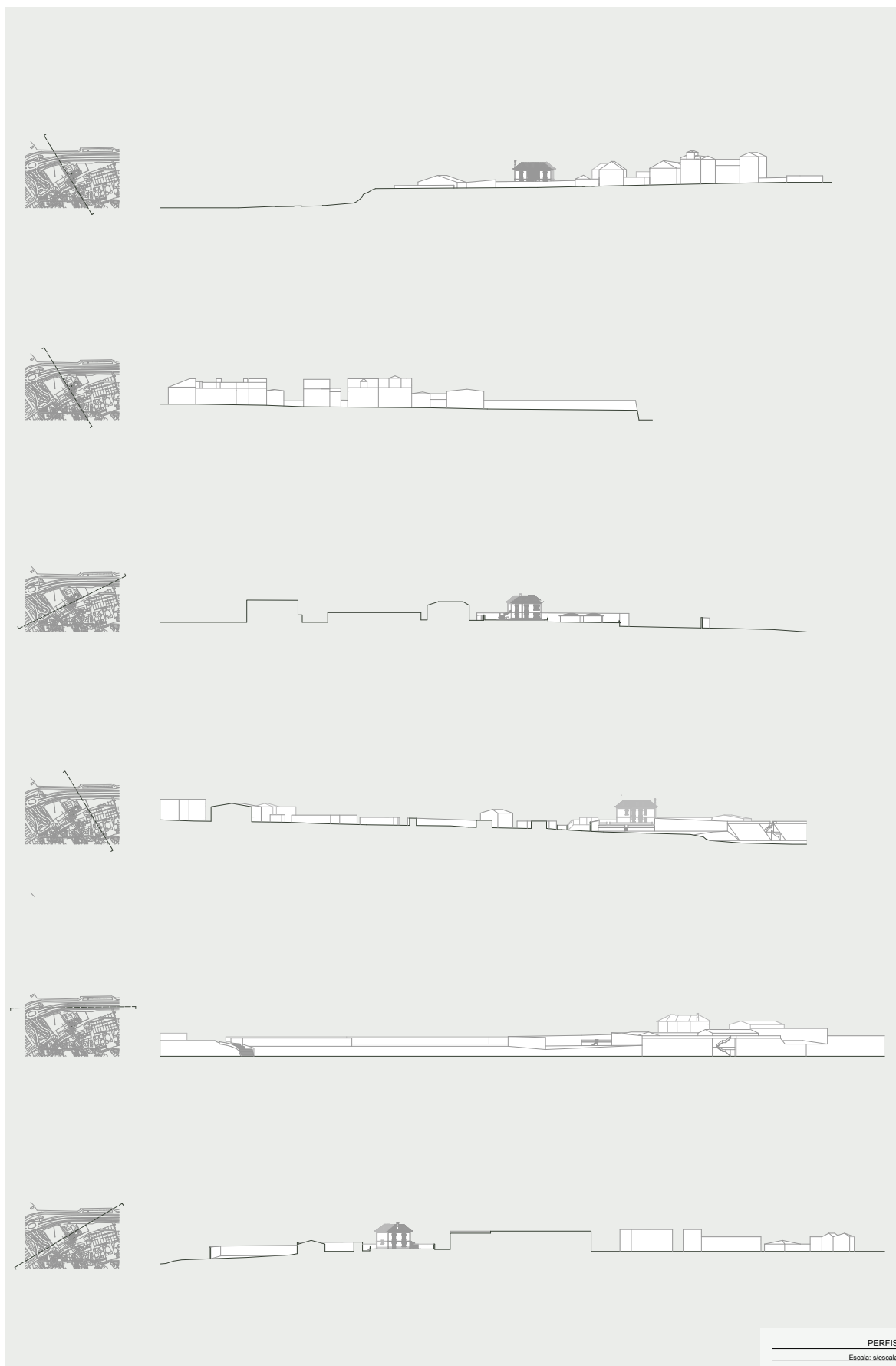
ZEISEL, J. (2013). Improving person-centered care through effective design. *Journal of the American Society on Aging*, 37(3), 45-52. Consultado a 27 de junho de 2024. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/289840853_Improving_person-centered_care_through_effective_design

ANEXOS

Anexo I – Planta de Localização



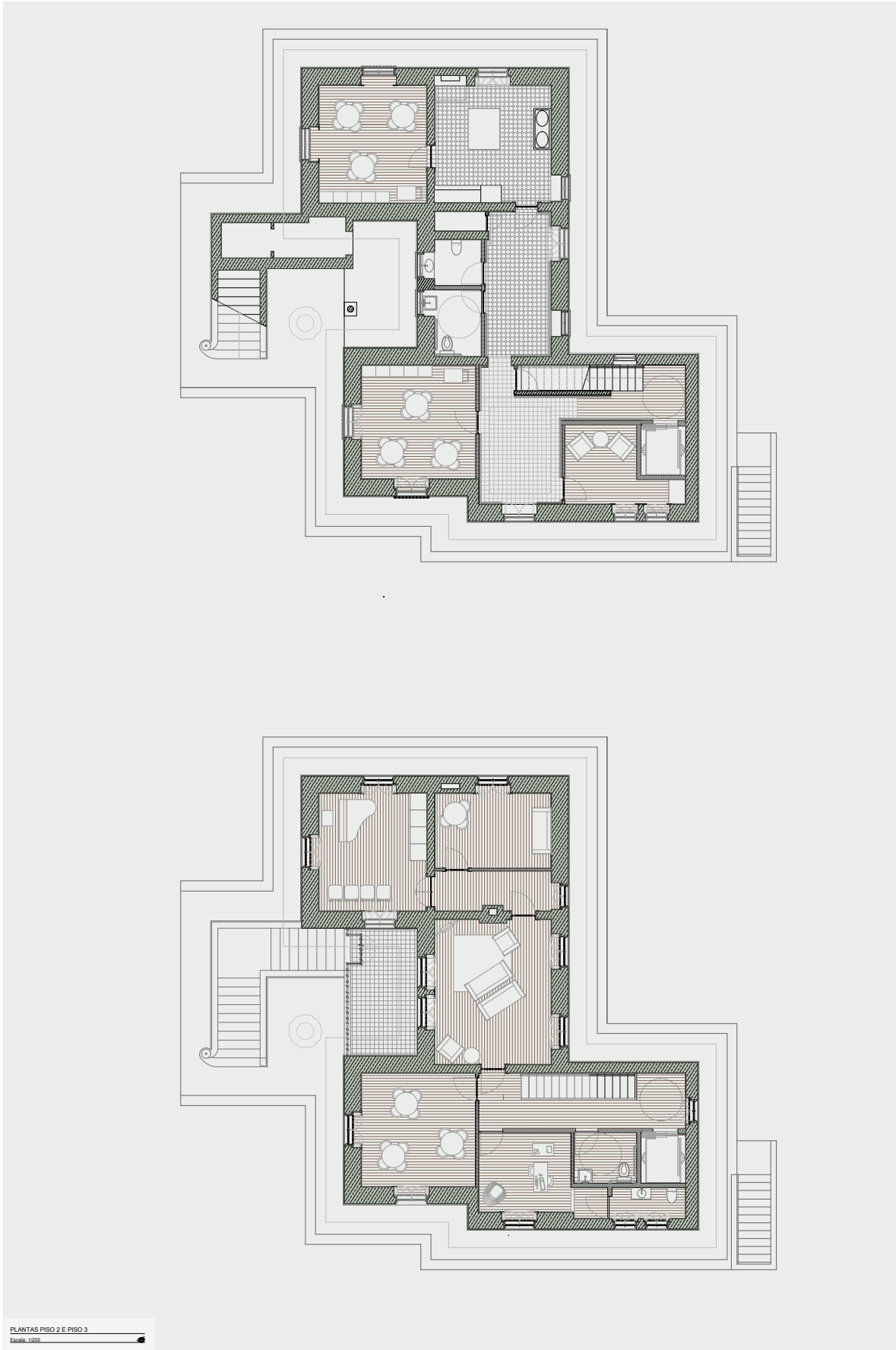
Anexo II – Perfis



Anexo III – Plantas Pisos 0 e 1



Anexo IV – Plantas Pisos 2 e 3



Anexo V – Render Geral

